

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA TEIXEIRA FANTINI

PAISAGENS DOMINANTES E ALTERNATIVAS E ESPAÇOS PÚBLICOS
INSURGENTES: ESTUDO A PARTIR DO PARQUE GOMM, EM CURITIBA/PR

CURITIBA

2018

MARIANA TEIXEIRA FANTINI

PAISAGENS DOMINANTES E ALTERNATIVAS E ESPAÇOS PÚBLICOS
INSURGENTES: ESTUDO A PARTIR DO PARQUE GOMM, EM CURITIBA/PR

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Pós-Dr. Alessandro Filla
Rosaneli

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR
BIBLIOTECA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

F216p Fantini , Mariana Teixeira
Paisagens dominantes e alternativas e espaços públicos insurgentes: estudo a partir do Parque Gomm, em Curitiba/PR / Mariana Teixeira Fantini . – Curitiba, 2018.
102 p. : il. color.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2018.

Orientador: Alessandro Filla Rosaneli.

1. Espaços públicos insurgentes. 2. Paisagens dominantes. 3. Paisagens alternativas.
4. Parque Gomm. I. Universidade Federal do Paraná. II. Rosaneli, Alessandro Filla. III. Título.

CDD: 711.40981621

Bibliotecária: Romilda Santos - CRB-9/1214



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GEOGRAFIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MARIANA TEIXEIRA FANTINI**, intitulada: **RELACIONANDO PAISAGENS DOMINANTES E ALTERNATIVAS E ESPAÇOS PÚBLICOS INSURGENTES: ESTUDO A PARTIR DO PARQUE GOMM, EM CURITIBA/PR.**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 16 de Março de 2018.

ALESSANDRO FILLA ROSANELI(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)

MARCOS ALBERTO TORRES(UFPR)

JOSÉ RICARDO VARGAS DE FARIA(UFPR)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GEOGRAFIA

ATA N°

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM GEOGRAFIA.

No dia dezesseis de março de dois mil e dezoito às 14:00 horas, na sala 109, Edifício João José Bigarella, Centro Politécnico, Jardim das Américas do Setor de SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição da Mestranda **MARIANA TEIXEIRA FANTINI** para a Defesa Pública de sua Dissertação de Mestrado intitulada: **RELACIONANDO PAISAGENS DOMINANTES E ALTERNATIVAS E ESPAÇOS PÚBLICOS INSURGENTES: ESTUDO A PARTIR DO PARQUE GOMM, EM CURITIBA/PR.** A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: **ALESSANDRO FILLA ROSANELI(UFPR)**, **MARCOS ALBERTO TORRES(UFPR)**, **JOSÉ RICARDO VARGAS DE FARIA(UFPR)**. Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a(o) discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela APROVAÇÃO da aluna. A Mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de Mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, **ALESSANDRO FILLA ROSANELI**, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Observações: No momento da defesa a banca sugeriu a alteração do título para: "paisagens dominantes e alternativas e espaços públicos insurgentes: estudo a partir do Parque Gomm, em Curitiba/PR."

Curitiba, 16 de Março de 2018.


ALESSANDRO FILLA ROSANELI(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


MARCOS ALBERTO TORRES(UFPR)


JOSÉ RICARDO VARGAS DE FARIA(UFPR)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a tudo e a todos que, direta ou indiretamente, trouxeram inspiração e direção para que eu iniciasse, seguisse e completasse esta jornada. Sinceramente e intensamente.

Porque a geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de
nós.

Denis Cosgrove
(1948-2008)

RESUMO

A presente pesquisa trabalha com o conceito de paisagem para contribuir com a reflexão geográfica acerca de um fenômeno emergente ao redor de todo o mundo: a insurgência de espaços públicos nas cidades contemporâneas. Para tanto, ela se desenvolve em torno da relação entre os espaços públicos insurgentes e as ideias de paisagens dominantes e alternativas propostas pelo geógrafo cultural britânico Denis Cosgrove. Com base na hipótese de que espaços públicos insurgentes conformam paisagens alternativas no meio urbano - uma vez que eles são criados, transformados e/ou apropriados de forma alternativa aos espaços públicos oficiais -, é apresentado o estudo de caso do Parque Gomm, localizado na cidade de Curitiba, no Paraná. Esse parque insurgiu em 2013 e foi oficializado pelo poder público em 2016 e representa um marco dentro do contexto de insurgência de espaços públicos na capital paranaense. A técnica central utilizada na pesquisa é a de leitura de paisagens, aplicada no recorte espacial da Unidade de Desenvolvimento Humano (UDH) Batel/Bigorrião - onde se situa o parque - e trabalhada por meio de estudos de campo e pesquisas bibliográficas. Os resultados encontrados salientam a importância da leitura de paisagens para uma melhor compreensão das relações sociais e espaciais e destacam a possibilidade de transformação das paisagens ao longo do tempo - ou seja, a possibilidade de as paisagens passarem de alternativas a dominantes, ou vice-versa.

Palavras-chave: Espaços públicos insurgentes. Paisagens dominantes. Paisagens alternativas. Parque Gomm.

ABSTRACT

The present research is based on the concept of landscape and on the contribution to the geographical reflection on an emerging phenomenon around the world: the insurgency of public spaces in contemporary cities. To do so, it is developed around the relationship between insurgent public spaces and the ideas of dominant and alternative landscapes proposed by the British cultural geographer Denis Cosgrove. Based on the hypothesis that insurgent public spaces conform alternative landscapes in the urban environment - once they are created, transformed and / or appropriated in an alternative way, when compared to the official public spaces -, one specific case is studied: the one of the Parque Gomm, located in the city of Curitiba, Paraná. This park insurged in 2013 and was formalized by the public power in 2016 and is also very symbolic in the context of insurgency of public spaces in the capital of Paraná. The central technique used in the research is the landscape reading, applied within an area called "Human Development Unit (HDU) Batel / Bigorriho" - where the park is located - and based on field studies and bibliographical research. The results highlight the importance of reading landscapes for a better understanding of social and spatial relations and the possibility of the transformation of landscapes over time - that is, the possibility of landscapes changing from alternatives to dominant, or vice-versa.

Keywords: Insurgent public spaces. Dominant landscapes. Alternative landscapes.
Parque Gomm.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – ESPAÇOS PÚBLICOS INSURGENTES DIVULGADOS NA MÍDIA	16
FIGURA 2 – EXEMPLOS DE ESPAÇOS PÚBLICOS INSURGENTES: (A) HORTA URBANA NA INGLATERRA; (B) PARKLET EM SÃO PAULO; (C) RUA APROPRIADA POR PESSOAS, EM UM DIA DE “OPEN STREET”, NOS EUA E (D) PONTE RESIGNIFICADA POR MEIO DE INSTALAÇÕES EM CROCHÊ, TAMBÉM NOS EUA	24
FIGURA 3 – EXEMPLOS DE PAISAGENS DOMINANTES: (A) “CIDADE RADIANTE”, DE LE CORBUSIER E (B) PARIS REMODELADA NO SÉCULO XIX	36
FIGURA 4 – EXEMPLOS DE PAISAGENS ALTERNATIVAS RESIDUAIS: (A) STONEHENGE E (B) “ESPELHOS SONOROS”, AMBAS NA GRÃ-BRETANHA	37
FIGURA 5 – EXEMPLO DE PAISAGEM ALTERNATIVA EMERGENTE: COMUNIDADE HIPPIE DOS ANOS 1960	38
FIGURA 6 – EXEMPLO DE PAISAGEM ALTERNATIVA EXCLUÍDA: O GRAFITE EM MEIO URBANO	39
FIGURA 7 - NOTÍCIAS RELACIONADAS À CRIAÇÃO DO PARQUE GOMM.....	41
FIGURA 8– BAIRROS DE CURITIBA, COM DESTAQUE PARA A UDH BATEL/BIGORRILHO.....	43
FIGURA 9 – ESQUEMA DA UDH BATEL/BIGORRILHO.....	44
FIGURA 10– TRECHOS PERCORRIDOS A PÉ NO BAIRRO BATEL.....	46
FIGURA 11 – TRECHOS PERCORRIDOS COM TRANSPORTE PÚBLICO NO BAIRRO BATEL.....	47
FIGURA 12– TRECHOS PERCORRIDOS EM VEÍCULO PARTICULAR NO BAIRRO BATEL	47
FIGURA 13– TRECHOS PERCORRIDOS A PÉ NO BAIRRO BIGORRILHO	48
FIGURA 14– TRECHOS PERCORRIDOS COM TRANSPORTE PÚBLICO NO BAIRRO BIGORILHO.....	48
FIGURA 15 – TRECHOS PERCORRIDOS EM VEÍCULO PARTICULAR NO BAIRRO BIGORILHO.....	49
QUADRO 1 – DISTÂNCIA MÁXIMA A SER PERCORRIDA A PÉ PARA ACESSO A ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS, DE ACORDO COM O <i>OPEN SPACE INDEX</i> ..	50
FIGURA 16 – ESQUEMA DO ENTORNO DO PARQUE GOMM.....	50

QUADRO 2 – TRABALHO DE CAMPO: PERÍODOS, ÁREAS VISITADAS E MEIOS DE LOCOMOÇÃO UTILIZADOS.....	51
FIGURA 17 – ESQUEMA DE LOCALIZAÇÃO DO PARQUE GOMM NA UDH BATEL/BIGORRILHO.....	53
FIGURA 18 – REGISTRO DA CASA GOMM, NO INÍCIO DO SÉCULO XX, QUANDO ESTAVA SITUADA NA AVENIDA DO BATEL	54
FIGURA 19 – ELEMENTOS DO PARQUE GOMM INSURGENTE.....	56
FIGURA 20 – EVENTOS NO PARQUE GOMM INSURGENTE.....	56
FIGURA 21– ESTUDO PRELIMINAR PARA A OFICIALIZAÇÃO DO PARQUE GOMM	57
FIGURA 22 – PARQUE GOMM: (A) INSURGENTE E (B) APÓS AS OBRAS DE OFICIALIZAÇÃO	58
QUADRO 3 – RELAÇÃO DOS BENS TOMBADOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO	61
FIGURA 23 – ESQUEMA DE LOCALIZAÇÃO DOS BENS TOMBADOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO.....	62
FIGURA 24 – BENS TOMBADOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (A) ANTIGO GRUPO ESCOLAR CRUZ MACHADO; (B) CASTELO DO BATEL; (C) R. COMENDADOR ARAÚJO; (D) PALACETE DO BATEL; (E) CASA GOMM.....	63
FIGURA 25 – UIPS DE DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA PARTICULAR NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (A) RESTAURANTE CALICETTI DI BOLOGNA; (B) RESTAURANTE SCAVOLLO; (C) CONFEITARIA NEUCHATEL; (D) ANTIGA ASSOCIAÇÃO FEMININA DE PROTEÇÃO; (E) ANTIGA CHURRASCARIA CRUZEIRO; (F) ANTIGA IMPRESSORA PARANAENSE; E (G) SOCIEDADE BENEFICENTE DOS OPERÁRIOS DO BATEL.....	64
FIGURA 26– UIP DE DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA PÚBLICA MUNICIPAL NA UDH BATEL/BIGORRILHO: CASA AMARELA.....	65
QUADRO 4 – RELAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO.....	65
FIGURA 27– ESQUEMA COM LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO	69
QUADRO 5 – RELAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO.....	70

FIGURA 28 – SISTEMA VIÁRIO TRINÁRIO NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (A) AV. SETE DE SETEMBRO E (B) RUA PADRE ANCHIETA	71
FIGURA 29 – SHOPPINGS CENTERS NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (A) SHOPPING NOVO BATEL; (B) SHOPPING CRYSTAL; E (C) SHOPPING PÁTIO BATEL	73
FIGURA 30 – ESTABELECEMENTOS DE LAZER E GASTRONOMIA, NA UDH BATEL/BIGORRILHO.....	74
FIGURA 31 – ELEMENTOS DA “CIDADE DE MUROS”, NA UDH BATEL/BIGORRILHO.....	74
FIGURA 32 - PAISAGEM ALTERNATIVA RESIDUAL NA UDH BATEL/BIGORRILHO: ANTIGA FACHADA DA FÁBRICA SANTA GRAÇA	75
FIGURA 33 – PAISAGEM ALTERNATIVA RESIDUAL NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (A) PAISAGEM PROJETADA DO CASTELO DO BATEL COM NOVA EDIFICAÇÃO AO FUNDO E (B) NOVA EDIFICAÇÃO EM CONSTRUÇÃO	76
FIGURA 34 – PAISAGEM ALTERNATIVA RESIDUAL NA UDH BATEL/BIGORRILHO: CASA E BOSQUE GOMM VISTOS A PARTIR DA RUA BRUNO FILGUEIRA, COM O SHOPPING PÁTIO BATEL AOS FUNDOS.....	77
FIGURA 35 – CONSTRUÇÕES QUE SIMBOLIZAM A RELIGIOSIDADE NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (A) PARÓQUIA SANTA TEREZINHA DO MENINO JESUS; (B) PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS DORES; (C) PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE CURITIBA; E (D) IGREJA ORTODOXA UCRANIANA SÃO DEMÉTRIO.....	78
FIGURA 36 – CALÇADAS NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (A); (B) PASSEIOS BEM CONSERVADOS; E (C) CALÇADA DE GRANITO NA AVENIDA DO BATEL.....	79
FIGURA 37 – PLACAS INFORMATIVAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS DA UDH BATEL/BIGORRILHO.....	80
FIGURA 38 – MOBILIÁRIOS URBANOS EM ESPAÇOS PÚBLICOS DA UDH BATEL/BIGORRILHO.....	80
FIGURA 39 – EQUIPAMENTOS URBANOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA UDH BATEL/BIGORRILHO: (A) FAROL DE SABER MIGUEL DE CERVANTES, NA PRAÇA DA ESPANHA; (B) FAROL DO SABER EMÍLIO DE MENEZES, NA AV. CÂNDIDO HARTMANN; (C) PARQUINHO PARA RECREAÇÃO INFANTIL, NA	

PRAÇA DA UCRÂNICA; E (D) PARQUINHO PARA RECREAÇÃO INFANTIL, NO LARGO PEDRO DECONTO	81
FIGURA 40 – MONUMENTOS EM ESPAÇOS PÚBLICOS DA UDH BATEL/BIGORRILHO: (A) GABRIEL DE LARA, NO LARGO HELENA STADLER DE SOUZA; (B) BARÃO DO SERO AZUL, NA PRAÇA MIGUEL COUTO; E (C) TARÁS CHEVTCHENKO, NA PRAÇA DA UCRÂNIA.....	82
FIGURA 41 - CALÇADAS NO ENTORNO DO PARQUE GOMM	83
FIGURA 42 – PRAÇA MIGUEL COUTO, A “PRACINHA DO BATEL”	83
FIGURA 43 – SINALIZAÇÃO VIÁRIA NO ENTORNO DO PARQUE GOMM	84
FIGURA 44 – ILUMINAÇÃO PÚBLICA NO ENTORNO DO PARQUE GOMM.....	84
FIGURA 45 – MOBILIÁRIOS URBANOS NO ENTORNO DO PARQUE GOMM.....	85
FIGURA 46 – ARBORIZAÇÃO DAS VIAS PÚBLICAS NO ENTORNO DO PARQUE GOMM	85
FIGURA 47– ELEMENTOS DAS “CIDADES DE MUROS” NO ENTORNO DO PARQUE GOMM.....	86
FIGURA 48 – UIPS NO ENTORNO DO PARQUE GOMM: (A) RESTAURANTE PAMPHYLIA E (B) DESIGN CENTER	86
FIGURA 49 – ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS E DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS VOLTADOS AO PÚBLICO DE MÉDIA E ALTA RENDA NO ENTORNO DO PARQUE GOMM: (A) LOJAS DE RUA; (B) LOJAS DO SHOPPING PÁTIO BATEL; (C) HOSPITAL SANTA CRUZ; (D) CONSTRUTORA A. YOSHII; E (D) CONSTRUTORA CR ALMEIDA	87
FIGURA 50 – ESTABELECIMENTOS DE LAZER E GASTRONOMIA NO ENTORNO DO PARQUE GOMM	87
FIGURA 51 – PARQUE GOMM OFICIALIZADO: ELEMENTOS DE UMA PAISAGEM DOMINANTE.....	90
FIGURA 52 – ELEMENTOS DO PARQUE GOMM INSURGENTE AINDA EXISTEM NO PARQUE GOMM	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DIY – *Do-It-Yourself*

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

UDH – Unidade de Desenvolvimento Humano

UIP – Unidade de Interesse de Preservação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	DISCUSSÃO TEÓRICA	18
2.1	O ESPAÇO PÚBLICO EM PAUTA	18
2.1.1	Espaços públicos insurgentes	22
2.2	GEOGRAFIA E PAISAGEM	26
2.2.1	A Geografia Cultural e as abordagens da paisagem.....	26
2.2.1.1	Denis Cosgrove e o entendimento de paisagem	32
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA GUIAR A LEITURA DE PAISAGENS	40
3.1	A ESCOLHA DO ESPAÇO PÚBLICO INSURGENTE	40
3.2	O ESTABELECIMENTO DO RECORTE ESPACIAL.....	41
3.3	INSTRUMENTOS PARA A LEITURA DE PAISAGENS	44
4	RESULTADOS DAS LEITURAS DE PAISAGENS	53
4.1	PONTO DE PARTIDA: O PARQUE GOMM	53
4.2	CARACTERIZANDO A UDH BATEL/BIGORRILHO.....	59
4.3	A PAISAGEM LIDA.....	71
4.3.1	Identificação de elementos da cultura dominante e alternativa na UDH Batel/Bigorriho.....	72
4.3.2	O Parque Gomm e seu entorno	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
	REFERÊNCIAS	94

1 INTRODUÇÃO

A paisagem é um tema que desperta interesse em profissionais e estudiosos de diversas áreas do conhecimento, como as Artes Plásticas, a Arquitetura, o Urbanismo e a Geografia. Dentro desta última, o conceito de paisagem apresenta particular importância e vem sendo abordado por geógrafos há muitas décadas (CORRÊA, 2014). Inicialmente relacionada essencialmente ao ambiente rural e a povos tradicionais, a paisagem passou, em meados do século XX, a ser abordada também dentro de uma perspectiva urbana, com pesquisadores apresentando leituras desse ambiente com base em questões simbólicas e culturais, dentro do movimento de renovação da Geografia Cultural (DUNCAN, DUNCAN, 2009; CORRÊA, 2014).

A abordagem do urbano por meio da perspectiva cultural geográfica tem se mostrado cada vez mais valorosa para o entendimento de questões relacionadas às cidades. Estas já são o local de moradia de grande parte da população mundial, e estimativas apontam que, em 2030, elas serão o habitat de 60% das pessoas em todo o planeta (UN HABITAT, 2016). Sendo assim, as discussões referentes ao meio urbano têm se mostrado cada vez mais constantes e relevantes.

Um dos temas que vem sendo apresentado com cada vez mais frequência, tanto em discussões acadêmicas quanto em divulgações na mídia, é o dos espaços públicos urbanos. Conhecidos por serem locais onde é possível exercer a cidadania, eles também são vistos como essenciais para a vida urbana ativa e o desenvolvimento sustentável das cidades (CAMPONESCHI, 2010; CARMONA, 2010; JACOBS, 2011). Entretanto, mesmo assim, muito vem se discutindo a respeito do afastamento dos cidadãos desses espaços e da baixa oferta de locais públicos acessíveis e de qualidade - situações estas que são constantemente presenciadas em diversas cidades contemporâneas ao redor do mundo (CAMPONESCHI, 2010; HOU, 2010; PAGANO, 2013; LYDON; GARCIA, 2015). Como forma de reação a esse cenário de distanciamento da população dos espaços públicos, iniciativas comunitárias que buscam a reaproximação com eles - por meio de ações de apropriação e/ou transformação - vêm se fortalecendo. Essas iniciativas se inserem em movimentos que recebem diferentes nomenclaturas - como Urbanismo Tático, *Do-It-Yourself (DIY) Urbanism*, Urbanismo Insurgente, entre outras - sendo que cada um deles apresenta características específicas além daquela que é comum a

todos: a forte participação cidadã (seja de forma individual ou, principalmente, em grupo) nas fases de idealização e execução de ações transformadoras do meio urbano (HOU, 2010; PAGANO, 2013; LYDON; GARCIA, 2015). Intervenções artísticas e iniciativas que buscam a criação de hortas comunitárias, mobiliários urbanos ou mesmo de novos parques e praças são exemplos que ilustram esse movimento emergente em cidades contemporâneas e que dão origem a novos espaços públicos, os quais podem ser chamados de insurgentes (HOU, 2010). Com cada vez mais frequência, esses espaços públicos insurgentes são noticiados na mídia, atraindo a atenção de pessoas interessadas pela temática do urbano (FIGURA 1).

FIGURA 1 – ESPAÇOS PÚBLICOS INSURGENTES DIVULGADOS NA MÍDIA



FONTE: a partir do canto superior esquerdo, em sentido horário: adaptada de CAMARGO (2014); adaptada de GAETE (2014b); adaptada de NOGUEIRA (2015); adaptada de GAETE (2014a).

Partindo do que foi exposto, a presente dissertação busca, então, relacionar dois temas de relevância para a Geografia: a paisagem e os espaços públicos urbanos, trazendo um olhar mais atento para a questão dos espaços públicos

insurgentes. Compreendendo a paisagem como categoria geográfica que auxilia o entendimento das dinâmicas sociais e da conformação do espaço e entendendo que os espaços públicos insurgentes vêm se tornando elementos cada vez mais presentes nas paisagens urbanas, foi possível estruturar a **problemática** da pesquisa, a qual é centrada na relação que pode existir entre os espaços públicos insurgentes e as ideias de paisagens culturais dominantes e alternativas propostas pelo geógrafo britânico Denis Cosgrove. Para tanto, trabalhou-se a verificação da seguinte **hipótese**: a de que os espaços públicos insurgentes conformam paisagens alternativas, em razão de terem sido criados de maneira alternativa à tradicional, ou seja, diferentemente dos espaços públicos planejados e implantados por meio de projetos e planos urbanísticos oficiais.

Para o desenvolvimento da pesquisa, um **estudo de caso** foi proposto - o do Parque Gomm, nascido insurgente na cidade de Curitiba no ano de 2013 e oficializado pela prefeitura municipal em 2016 - e um **objetivo central** foi trabalhado: o de compreender de que forma o Parque Gomm se insere na discussão envolvendo os conceitos de paisagens dominantes e alternativas propostos por Cosgrove. Para dar suporte a esse objetivo mais amplo, os seguintes **objetivos específicos** foram traçados: i) compreender os processos de insurgência e oficialização do parque Gomm; ii) identificar elementos da cultura dominante e alternativa no recorte espacial determinado para o estudo; e iii) realizar a leitura de paisagens nesse recorte.

Nas páginas que se seguem, tem-se o relato dessa experiência de pesquisa, o qual passa pelo referencial teórico utilizado (capítulo 2), a metodologia aplicada (capítulo 3) e os resultados alcançados (capítulo 4). O trabalho realizado pode ser, por fim, justificado por se relacionar a um contexto mundial em que se discute cada vez mais intensamente questões sobre os espaços públicos e a qualidade de vida nas cidades, por abordar um quadro emergente em cidades ao redor de todo o mundo – aquele composto pelos espaços públicos insurgentes – e também por trabalhar com um conceito-chave para a Geografia – o de paisagem.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Nessa seção, será apresentada uma discussão teórica acerca das categorias centrais discutidas no presente trabalho: paisagem e espaço público. Para orientar a leitura e o entendimento dos temas, estabeleceu-se a seguinte ordem para a apresentação do referencial teórico: primeiramente, serão abordadas questões relativas a espaços públicos urbanos – com um enfoque nos espaços públicos insurgentes – e, em seguida, será apresentada a literatura referente à paisagem dentro da perspectiva geográfica, mais especificamente dentro da Geografia Cultural.

2.1 O ESPAÇO PÚBLICO EM PAUTA

A discussão acerca dos espaços públicos urbanos não é recente. Desde meados do século XX, estudiosos de diferentes áreas vem debatendo a importância desses espaços – compreendidos como palcos onde eventos da vida cotidiana se desenrolam, como as ruas, as praças e os parques de uma cidade (CARR et al., 1993) -, bem como sua configuração e suas formas de uso e apropriação. Recentemente, as discussões acerca do tema de espaço público foram ampliadas, muito em razão do fato de a urbanização – e, conseqüentemente, a vida nas cidades – estar se tornando um tema de crescente relevância em termos mundiais. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2050, 6 bilhões de pessoas irão habitar áreas urbanas – 2,5 bilhões de pessoas a mais do que hoje já se contabiliza (UN HABITAT, 2016). O desafio da construção de cidades aprazíveis e adequadas para a promoção da qualidade de vida de seus habitantes torna-se, então, imediato e urgente. E um dos fatores a serem trabalhados para que melhores condições sejam atingidas é o espaço público.

Durante o encontro preparatório para a “Habitat III – Terceira Conferência das Nações Unidas sobre Moradia e Desenvolvimento Urbano Sustentável”¹, em

¹ A conferência “Habitat III – Terceira Conferência das Nações Unidas sobre Moradia e Desenvolvimento Urbano Sustentável”, ocorreu em Quito, Equador, em outubro de 2016, marcando o terceiro encontro promovido pelas Nações Unidas acerca dos temas “moradia” e “desenvolvimento urbano sustentável”. A primeira conferência ocorreu em 1976, em Vancouver, Canadá, e, a segunda, em 1996, em Istambul, Turquia (HABITAT III). Meses antes, em abril de 2016, uma reunião preparatória para a Habitat III aconteceu em Barcelona, Espanha, na qual o tema central discutido foi

Barcelona, no mês de abril de 2016, a questão do espaço público foi discutida e, como resultado do encontro, um documento – intitulado “*Barcelona Declaration for Habitat III: Public Spaces*” – foi redigido. Nele, toma-se como base que espaços públicos “são espaços - incluindo ruas, de domínio público ou de uso público – acessíveis e aproveitados por todos de forma gratuita e sem propósito lucrativo” (UN, 2016, p. 1) e reconhece-se a importância desses locais para o desenvolvimento urbano sustentável. Além disso, o documento retoma a Agenda 2030² e destaca uma das metas do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 11³, nela estabelecida (UN, 2016). Essa meta – de número 11.7 - sentencia que as cidades devem, até 2030, “proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência” (ONU BR, 2015, p. 30) e destaca, assim, a importância de espaços públicos de qualidade e em quantidade adequada para que se proporcione boas condições de vida à população. Outros pontos apontados no documento elaborado em Barcelona relacionam-se à necessidade de preservação de espaços públicos com valor histórico; de realização de melhorias nos espaços públicos urbanos já existentes; e também de criação de novos espaços públicos, particularmente em novas regiões das cidades (UN, 2016).

Como foi comentado anteriormente, a discussão sobre espaços públicos não é nova. Esse tema - que vem sendo tratado por organizações do porte da ONU - também já foi e vem sendo ainda discutido por intelectuais, estudiosos e outras organizações ao redor de todo o mundo. A seguir, diferentes autores e entidades serão apresentados, juntamente com suas respectivas contribuições para a discussão sobre os espaços públicos.

Primeiramente, pode-se trazer o trabalho de Jane Jacobs⁴ (2011), que, já na década de 1960, destacava que a vida ativa nos espaços públicos era essencial

o dos espaços públicos. Experiências e conhecimentos relacionados a essa temática foram levados à Habitat III para auxiliar na elaboração da nova agenda urbana (UNESCO, 2016).

² A Agenda 2030 foi elaborada em 2015, por chefes de Estado e altos representantes, na sede das Nações Unidas, em Nova York, EUA. Por meio de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e de suas respectivas metas, o documento se traduz em um plano de ação para guiar pessoas, com o intuito de melhorar a vida no planeta e trazer prosperidade a todos (ONU BR).

³ O ODS 11 é descrito como o de “Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis” e aborda, dentre outros temas a questão dos espaços públicos urbanos (ONU BR, 2015).

⁴ Jane Jacobs (1916-2006): escritora e ativista, a norte-americana Jane Jacobs se destacou por seus trabalhos relativos ao urbano. Sua obra “*Life and Death of Great American Cities*”, escrita em 1961,

para a troca de experiências, a promoção de ambientes mais seguros e o desenvolvimento de diversos aspectos relacionados à qualidade de vida urbana. Valorizando a vida pulsante nos bairros, ela ressaltava com frequência que a variedade de usos dos espaços públicos e a possibilidade que eles oferecem para encontros com “estranhos” se configuravam como características essenciais das cidades, as quais deveriam ser visadas por aqueles envolvidos em atividades de planejamento urbano (JACOBS, 2011). Fazendo coro ao trabalho dessa autora, outros estudos continuaram – e continuam - a salientar as diversas características e os inúmeros benefícios dos espaços públicos para as cidades e seus habitantes.

Décadas após Jacobs, outros estudos continuam a salientar as diversas características e os inúmeros benefícios dos espaços públicos para as cidades e seus habitantes. A ONG *Project for Public Spaces*, por exemplo, aborda os espaços públicos como “ingredientes vitais para o sucesso das cidades” (PPS, 2012, p. 1, tradução nossa) e como elementos centrais a serem trabalhados para que cidades possam vencer desafios relacionados aos problemas urbanos e construir ambientes mais inclusivos e saudáveis. A questão da saúde urbana, inclusive, é destacada pelo PPS (2012) como estando intimamente relacionada à qualidade dos espaços públicos existentes na cidade. Parques, praças e ruas convidativas ao uso dos cidadãos permitem uma convivência urbana mais segura e ativa, o que afeta positivamente a qualidade de vida das pessoas.

Mean e Tims (2005) também corroboram com a argumentação de centralidade dos espaços públicos para o desenvolvimento sustentável das cidades, quando apontam que esses locais são essenciais para que as trocas – econômicas, sociais, culturais e ambientais – ocorram nas áreas urbanas. Para os autores, os espaços públicos favorecem a criação e a troca de experiências de forma única e diferenciada e permitem o desenvolvimento de acontecimentos e vivências que não poderiam ocorrer na esfera da vida privada. A coletividade e a possibilidade de criação conjunta são também abordadas por Camponeschi (2010), ao destacar que os espaços públicos podem - e devem - ser usados como ambientes de experimentação de soluções para os problemas urbanos, uma vez que eles representam locais onde é possível aprender a interagir e a respeitar a diversidade urbana e promover o enriquecimento da imaginação coletiva. A autora ainda reforça

tornou-se uma obra clássica e inspiradora para aqueles interessados em estudar as cidades (PPS, 2010).

o significado físico e ideológico de espaço público, quando aponta que ele pode ser definido como um “espaço aberto e acessível a todos, sem restrição de gênero, etnicidade ou condição socioeconômica” (CAMPONESCHI, 2010, p. 11, tradução nossa), onde as pessoas podem aprender a lidar com as diferenças e compartilhar interesses comuns ao mesmo tempo em que constroem laços comunitários e promovem a inclusão social.

Apesar da grande importância dos espaços públicos para a vida pulsante das cidades e para o desenvolvimento da sociabilidade e o fortalecimento da cidadania, uma das preocupações centrais debatidas atualmente está relacionada ao afastamento das pessoas dos espaços públicos, principalmente nas grandes cidades contemporâneas. Uma das causas apontadas para esse afastamento é a gestão ineficiente desses espaços - tanto por parte do poder público quanto da população -, que acabam por gerar locais negligenciados, abandonados ou subutilizados e que, de certa forma, promovem a segregação social, uma vez que não favorecem o convívio de diferentes pessoas em um mesmo local (CARMONA, 2010).

De forma oposta a esse “abandono”, está o controle rígido de certos espaços públicos, o qual é justificado, comumente, pelo desejo de proporcionar maior segurança às pessoas (MEAN, TIMS, 2005; CARMONA, 2010). O que se tem como consequência dessa forma de gestão é o crescente enclausuramento de pessoas, que buscam, em ambientes fechados - como condomínios residenciais e *shopping centers* – ou em atos de privatização do espaço público – por meio da instalação de barreiras físicas como cancelas, grades e muros – a certeza de estarem em locais protegidos (CALDEIRA, 2000). Essa nova estrutura urbana, implantada com a intenção de proporcionar maior conforto às pessoas, traz, no entanto, um resultado oposto à sensação de segurança tão buscada pelos cidadãos:

Ao transformar a paisagem urbana, as estratégias de segurança dos cidadãos também afetam os padrões de circulação, trajetos diários, hábitos e gestos relacionados ao uso de ruas, do transporte público, de parques e de todos os espaços públicos. Como poderia a experiência de andar nas ruas não ser transformada se o cenário é formado por altas grades, guardas armados, ruas fechadas e câmeras de vídeo no lugar de jardins, vizinhos conversando, e a possibilidade de espiar cenas familiares através de janelas? (CALDEIRA, 2000, p. 301).

Retornar a esses espaços públicos – ou então, fortalecê-los em sua esfera pública – tem se tornado então uma necessidade crescente em um mundo cada vez mais urbano. Como aponta Camponeschi (2010, p. 12, tradução nossa), “a democracia não pode estar separada do espaço físico”, e, tendo isso em vista, “as cidades (...) precisam encontrar formas de incorporar e encorajar usos e perspectivas diversas da dimensão pública do urbano”. Dentro dessa perspectiva de novos caminhos a serem traçados para melhor uso do espaço público, fala-se cada vez mais nos chamados espaços públicos insurgentes, os quais serão tratados na seção a seguir.

2.1.1 Espaços públicos insurgentes

Iniciativas que buscam traçar novos caminhos para a relação entre as pessoas e os espaços públicos vêm sendo praticadas em cidades ao redor de todo o mundo. Grande parte dessas iniciativas acontece por meio de um amplo envolvimento da população local nas fases de planejamento, transformação e apropriação do espaço público. Inseridas em um contexto de colaboração e participação cidadã que emerge no ambiente urbano e que atinge diferentes esferas da vida em sociedade, essas ações ressaltam a importância de se planejar e se construir espaços públicos que atendam às reais necessidades das pessoas e proporcionem a elas experiências significativas (MEAN, TIMS, 2005; CAMPONESCHI, 2010).

A emergência dessas ações comunitárias em cidades ao redor de todo o mundo vem sendo discutida com maior recorrência nos anos recentes. Hou (2010) aponta que as iniciativas envolvidas no planejamento, na transformação e na forma de uso dos espaços públicos constituem reações às ações cada vez mais comuns de regulação, privatização e de conseqüente “diminuição” desses espaços no meio urbano. Essas ações, conhecidas por estarem relacionadas a movimentos que recebem diferentes nomenclaturas - tais como “DIY *Urbanism*” (ou “urbanismo do ‘faça-você-mesmo’”, em tradução livre), “Urbanismo Insurgente” e “Urbanismo Tático” - têm em comum a característica de serem essencialmente idealizadas e colocadas em práticas pela população, em um esquema de transformação “*bottom-up*” do espaço público urbano, ou seja, de uma transformação que se inicia e se

constitui com forte participação comunitária (PAGANO, 2013; LYDON, GARCIA, 2015).

Independentemente da nomenclatura recebida, esses movimentos fazem surgir novos espaços públicos, os quais serão chamados, no presente trabalho - assim como no trabalho de Hou (2010) - de “espaços públicos insurgentes”. A escolha pela adoção dessa nomenclatura decorre do fato de a palavra “insurgente” - adjetivo que deriva do verbo “insurgir”⁵ e que carrega os significados do mesmo -, proporcionar um entendimento mais claro dos espaços públicos que são fruto de ações de apropriação e transformação organizadas com grande participação da comunidade, com o objetivo de transformá-los em locais diferentes daqueles espaços normatizados, regulados ou controlados por determinados grupos que se aproximem das pessoas.

Ao contrário dos espaços públicos planejados e idealizados por representantes de instituições oficiais, esses locais insurgentes nascem a partir de áreas públicas subutilizadas, abandonadas, de uso restrito ou que são visadas por projetos indesejados pela população, e favorecem o surgimento de novas relações sociais, o fortalecimento dos valores democráticos e o desenvolvimento da cidadania e da cultura de participação (PAGANO, 2013). A relação estabelecida entre os cidadãos e os espaços públicos insurgentes desperta também, nas pessoas, o senso de pertencimento à cidade. E, quando esse senso é despertado, ações que refletem maior cuidado e valorização do bem público se tornam mais recorrentes, e os impactos positivos dessa insurgência – tanto para o meio urbano quanto para a comunidade em geral - são intensificados (PPS, 2012).

Como exemplos desses espaços, podem-se citar desde aqueles transformados temporariamente por intervenções artísticas ou por eventos pontuais até os espaços construídos e apropriados de forma mais permanente, como as hortas urbanas e os parques e praças de bolso (HOU, 2010; PAGANO, 2013; LYDON; GARCIA, 2015). A Figura 02 mostra alguns exemplos desses espaços públicos insurgentes. Tem-se: uma horta urbana construída em Caldmore, na Inglaterra (FIGURA 2-a); o parklet Suri, na cidade de São Paulo⁶ (FIGURA 2-b); uma

⁵ De acordo com os dicionários Novo Aurélio e Houaiss, a palavra “insurgir” está relacionada a: i) revolta; ii) insurreição; iii) insubordinação; e iv) expressão, por meio de atitudes e/ou palavras, do desacordo em relação a algo (FERREIRA, 1999; HOUAISS; VILLAR, 2009).

⁶ O parklet Suri está localizado na Rua Mateus Grou, no bairro Pinheiros, em São Paulo, e foi construído por meio da parceria entre escritórios de arquitetura e design e a população do entorno – a

rua apropriada por pessoas, durante a realização de atividades em um dia de Open Street⁷, na cidade de Pittsburgh, nos EUA (FIGURA 2-c); e a ponte *Andy Warhol/7th Street* - espaço público resignificado por meio de instalações em crochê - também em Pittsburgh⁸ (FIGURA 2-d).

FIGURA 2 – EXEMPLOS DE ESPAÇOS PÚBLICOS INSURGENTES: (a) HORTA URBANA NA INGLATERRA; (b) PARKLET EM SÃO PAULO; (c) RUA APROPRIADA POR PESSOAS, EM UM DIA DE “OPEN STREET”, NOS EUA e (d) PONTE RESIGNIFICADA POR MEIO DE INSTALAÇÕES EM CROCHÊ, TAMBÉM NOS EUA



FONTE: a partir do canto superior esquerdo, em sentido horário: CLAYTON (2014); EIKO; KNIT THE BRIDGE (2013); BOSSART (2014).

As iniciativas que dão origem a espaços públicos insurgentes são essencialmente coletivas e colaborativas, e o sucesso que elas podem alcançar muito depende dessas características (CAMPONESCHI, 2010; LYDON; GARCIA, 2015). A colaboração – que pode ocorrer somente entre membros da comunidade, mas, também, entre eles e representantes de outras instituições, inclusive do poder

qual elegeu a leitura como uma das marcas principais do novo espaço público (DOMICIANO; CALDINI, 2016; ZOOM).

⁷ *Open Streets* são iniciativas que promovem, temporariamente, o fechamento de vias de circulação para veículos motorizados e a abertura de ruas para pessoas. Nesses eventos, são realizadas diferentes atividades, com o intuito de trazer novas possibilidades de uso a um espaço público que é essencialmente utilizado por automóveis (OPEN STREETS PROJECT).

⁸ A instalação em crochê em diferentes espaços públicos, equipamentos e monumentos urbanos faz parte do movimento global conhecido como *Guerrilla Knitting* ou *Yarnbombing* (“bombardeio de fios”, em tradução livre). Em Pittsburgh, as ações na Ponte *Andy Warhol/7th Street* acontecem dentro do projeto *Knit the Bridge*, desenvolvido coletivamente pela comunidade local com a intenção de celebrar o espaço público de uma forma diferenciada e resignificá-lo, trabalhando aspectos estéticos e realizando instalações artísticas (KNIT THE BRIDGE).

público (LYDON; GARCIA, 2015) – se constitui em uma prática que favorece o alcance dos objetivos comuns e é tratada como algo fundamental para o desenvolvimento da sociedade humana. É o que destaca Sennett (2015, p. 24), ao apontar que ações colaborativas não só permitem a vida em sociedade como também antecedem a prática de ações individuais ao longo da história da humanidade: “ela é o fundamento do desenvolvimento humano, na medida em que aprendemos como estar juntos antes de aprender como nos manter à parte”.

Uma das ferramentas contemporâneas que facilita essa cooperação é a Internet. Sennett (2015) aponta que a redes virtuais vêm mudando a forma como se dá a comunicação e ressalta que, em muitos casos, ela pode se traduzir em cooperação no mundo físico real:

O fato é que as novas tecnologias de comunicação transformaram de maneira irreversível a paisagem das comunicações. Seu efeito político mais poderoso manifesta-se quando essas tecnologias estimulam e incitam as pessoas a agir off-line, em vez de as limitarem à experiência diante da tela. (...). Quando a comunicação funciona assim, a comunicação compactada é liberada fisicamente, reunindo as pessoas; a cooperação online se traduz em cooperação em carne e osso. (SENNETT, 2015, p. 38).

A relação entre a comunicação por meio das tecnologias interativas e a cooperação no mundo físico real é também tratada por Camponeschi (2010), ao falar das ações colaborativas que acontecem nas cidades ao redor de todo o mundo. Segundo a autora, o contato entre pessoas por meio de redes virtuais de comunicação faz com que diferentes e inúmeras parcerias sejam firmadas, e trabalhos conjuntos entre cidadãos comuns, artistas e gestores públicos, por exemplo, não sejam mais tão raros de acontecer.

Como consequência do crescimento das possibilidades de cooperação real a partir da comunicação virtual, a cultura de trocar informações online vem se fortalecendo e se tornando cada vez mais sofisticada. Dentro da temática dos espaços públicos insurgentes, o compartilhamento de casos de sucesso e a troca de ideias a respeito das melhores táticas a serem colocadas em prática para determinados propósitos vem ocorrendo com grande intensidade por meio de redes sociais virtuais. Por possibilitarem o contato entre pessoas de diferentes partes do mundo, as redes virtuais auxiliam na disseminação de informações e ideias que proporcionam a insurgência de novos espaços públicos urbanos (HOU, 2010; LYDON; GARCIA, 2015).

Os espaços públicos insurgentes, sendo cada vez mais comuns em cidades ao redor de todo o mundo, vêm se tornando também elementos impactantes na paisagem urbana. Em razão disso – e do fato de que, no presente trabalho, a relação entre espaços públicos insurgentes e paisagens dominantes e alternativas está no cerne da pesquisa - na seção a seguir, a temática da paisagem será abordada com mais detalhes.

2.2 GEOGRAFIA E PAISAGEM

Como foi discutido anteriormente, o espaço público compõe uma parcela significativa do espaço urbano e, conseqüentemente, da paisagem urbana. Nesta seção, o conceito de paisagem será mais bem explorado, com o intuito de fornecer insumos para o leitor e, assim, prepará-lo para a relação a ser trabalhada na pesquisa: aquela entre espaço público insurgente e paisagem urbana a partir dos conceitos de paisagens alternativas e dominantes propostas pelo geógrafo britânico Denis Cosgrove. Para tanto, serão abordados aspectos da Geografia Cultural, da paisagem e da relação entre esta e os estudos geográficos do meio urbano.

2.2.1 A Geografia Cultural e as abordagens da paisagem

O conceito de paisagem não é exclusivo da Geografia - sendo discutido na História da Arte, na Arquitetura, no Urbanismo, nas Ciências Ambientais, e em outras áreas do conhecimento – mas, para ela, em particular, é um conceito que apresenta grande relevância (NAME, 2010; SHISHITO, 2017). Como já destacavam dois geógrafos franceses:

Paisagem, palavra de uso quotidiano, que cada pessoa utiliza a seu modo; o que a não impediu de se tornar um vocábulo à moda. Paisagem, uma destas noções utilizadas por um número sempre crescente de disciplinas, que muitas vezes ainda se ignoram. Paisagem, enfim, um dos temas clássicos da investigação geográfica. (BLANC-PAMARD; RAISON, 1986, p. 138).

Mais especificamente ainda, dentro da Geografia Cultural – vertente geográfica que guiará a presente pesquisa - a paisagem tem particular importância nos trabalhos desenvolvidos por geógrafos, e alguns deles serão abordados mais adiante nessa seção.

Primeiramente, é válida aqui uma breve pontuação de alguns aspectos centrais relativos à Geografia Cultural e à abordagem da do conceito “paisagem” dentro dessa vertente. Tendo como base a cultura – e suas inúmeras e diferentes formas de manifestação no espaço e de relação com o homem -, a Geografia Cultural foi desenvolvida logo no início do século XX e, ao longo dos anos, enfrentou desafios, superou obstáculos e se fortaleceu dentro do campo geográfico (CLAVAL, 2014). Nas primeiras décadas desse século, a Geografia cultural trabalhou intensamente com o conceito de cultura que focava apenas os aspectos materiais – como os artefatos utilizados pelo homem em sua relação com o espaço – e desenvolveu, assim trabalhos que versavam sobre gêneros de vida e paisagens por ele conformadas. Entre os anos de 1950 e 1970, a Geografia Cultural passou por um processo de declínio⁹; no entanto, a partir da década de 1970, ela foi renovada e fez emergir novas possibilidades de estudo dentro da Geografia, além de reavivar o interesse dos geógrafos pela dimensão cultural do espaço (CLAVAL, 1999, 2014; CORRÊA, 1999). Segundo Capel¹⁰ (1981, *apud* CORRÊA, 2011) e Gomes¹¹ (1996, *apud* CORRÊA, 2011), a década de 1970 é emblemática na história da ciência geográfica, uma vez que representa o momento de incorporação de novas matrizes epistemológicas - o materialismo histórico e dialético, a fenomenologia e a hermenêutica -, teóricas e metodológicas à Geografia, a qual possibilitou o surgimento da nova Geografia cultural (CORRÊA, 2011).

Dentro desse contexto de renovação, o conceito de cultura foi também repensado. Ela deixa de ser entendida apenas como aspecto material e passa a ser encarada como um conjunto amplo de técnicas, atitudes, ideias e valores que apresenta tanto componentes materiais quanto imateriais - os quais podem ser sociais, intelectuais ou simbólicos - e que pode não ser assimilado da mesma forma

⁹ Segundo Claval (1999), o declínio da Geografia Cultural em sua forma clássica, no período que se estende de 1950 a 1970, deve-se, essencialmente, a três fatores. O primeiro deles trata do fato de que “falar das culturas sem tratar das representações, das opiniões ou das crenças” (CLAVAL, 1999, p.61) começou a parecer cada vez mais absurdo. Segundo o geógrafo, o que se sentia, na época, era que era preciso refletir sobre os aspectos da cultura de forma mais sistemática, para fazer com que essa vertente da Geografia recuperasse o crédito que antes apresentava. O segundo fator está relacionado ao progresso técnico que se verificava na época, o qual fez com que as diferenças entre os utensílios e equipamentos utilizados por diferentes grupos sociais fosse reduzido. Dessa forma, “o estudo dos aspectos técnicos das civilizações, o qual estava no cerne da Geografia Cultural tradicional, apresenta menos interesse” (CLAVAL, 1999, p. 61). Por fim, o outro fator apresentado por ele é a perda de credibilidade sofrida pela descrição dos gêneros de vida, que decorre da diversificação dos tipos sociais e das atividades desenvolvidas pelas pessoas, especialmente no meio urbano.

¹⁰ CAPEL, H. **Filosofia y Ciencia em la Geografia Contemporanea**. Barcelona: Barcanova, 1981.

¹¹ GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

por todos os membros de uma comunidade. Além disso, a questão espacial da cultura passou a ser estudada de maneira mais abrangente, envolvendo questões de cunho religioso, filosófico e ideológico e seus reflexos, impactos e influências na organização do espaço (CLAVAL, 2014).

A relação entre cultura e espaço, bem como a sua importância para o entendimento das relações sociais e o avanço da ciência geográfica, é salientada também em outros trabalhos:

O ressurgimento da Geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo. (CORRÊA, 1999, p. 51).

A compreensão do mundo passa pela compreensão do espaço das cidades, o qual é também repensado nessa época de renovação cultural. Antes não percebida, valorizada e nem problematizada pelos geógrafos, a abordagem cultural do urbano passa a receber atenção dos estudiosos, os quais começaram a encarar a cidade como marca e matriz cultural (CORRÊA, 2007), possibilitando a expansão do conhecimento relativo a essa temática:

O urbano pode ser analisado segundo diversas dimensões que se interpenetram. A dimensão cultural é uma delas e por seu intermédio amplia-se a compreensão da sociedade em termos econômicos, sociais e políticos, assim como se tornam inteligíveis as espacialidades e temporalidades expressas na cidade, na rede urbana e no processo de urbanização. (CORRÊA, 2007, p. 167).

Sendo assim, o urbano passou a se revelar uma possibilidade fértil para estudos da Geografia cultural, uma vez que a cidade e todos os processos a ela relacionados podem ser entendidos como manifestações da cultura humana, a qual pode ser considerada, ao mesmo tempo, reflexo, mediação e condição social. Essa cultura é revelada por meio da produção e da reprodução simbólica, resultante de experiências, contatos e descobertas (CORRÊA, 2007).

Segundo Mitchell¹² (2000 *apud* CORRÊA, 2007) e Scott¹³ (2001 *apud* CORRÊA, 2007), as grandes cidades são os maiores e mais significativos focos da produção de formas simbólicas e criam e recriam constantemente novos significados

¹² MITCHELL, D. **Cultural Geography: A Critical Introduction**. Oxford: Blackwell, 2000.

¹³ SCOTT, A. J. Capitalism, Cities and the Production of Symbolic Forms. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 26, p. 10-23, 2001.

e valores. Em razão disso, Corrêa (2007, p. 178) conclui que esses centros urbanos desempenham “ativo papel como centros de transformação cultural” e aponta algumas formas por meio das quais a cultura pode ser percebida no espaço da cidade, como a toponímia, o estudo simbólico de monumentos e outros elementos urbanos ou ainda a análise das paisagens urbanas.

A análise da paisagem é ressaltada como importante ferramenta para maior entendimento do espaço urbano e das relações que nele ocorrem:

Entender a cidade pelo arrimo de suas paisagens nos permite a compreensão de diversas características do espaço urbano, considerando aspectos físico-naturais e humanos. Além da identificação desses aspectos, é importante entender a paisagem urbana como resultado da integração entre: i) o meio físico-natural; ii) a sociedade e os vários grupos sociais que disputam espaço na cidade; e iii) o espaço construído. (SHISHITO, 2017, p. 17).

Além de Shishito (2017), outros autores também trabalharam com a paisagem em seus estudos, desenvolvendo metodologias particulares para apreender com maior profundidade os significados nela presentes. Na coletânea intitulada “*Iconography of landscape*”, organizado por Cosgrove and Daniels (2008), são apresentados diversos textos de autores que trabalham com a iconografia da paisagem, ou seja, com a ideia de que as imagens são como textos codificados, que devem ser decifrados por aqueles que têm conhecimento da cultura onde eles foram produzidos (DANIELS; COSGROVE, 2008). Com base nessa decodificação, torna-se possível, por exemplo, melhor compreender as paisagens e seus contextos políticos, sociais e econômicos. No texto introdutório dessa coletânea, Daniels e Cosgrove (2008) apontam que a paisagem é entendida como uma imagem cultural, que pode ser representada de diversas formas e ser compreendida com auxílio da iconografia e do conhecimento de outros textos e imagens a ela relacionados.

Um exemplo de aplicação da metodologia da iconografia aliada à pesquisa bibliográfica para entender o contexto em que se insere a paisagem analisada é o texto de Penelope Woolf (2008), “*Symbol of the Second Empire: cultural politics and the Paris Opera House*”. Nele, a autora trabalha a leitura da paisagem tomando como base a arquitetura - em particular, o edifício da Ópera de Paris - e as questões de reformulação urbana da capital francesa durante o Segundo Império, no século XIX. A arquitetura dos edifícios, o planejamento urbano e a construção de monumentos são vistos como essenciais para o estabelecimento de uma imagem -

ou “paisagem” - que transmitisse os valores sociais, econômicos, políticos, religiosos e culturais desejados por aqueles que detinham o poder. A transformação pela qual passou a Paris da época foi pensada e colocada em prática por planejadores, arquitetos e engenheiros que trabalharam a serviço do imperador para criar uma cidade intencionalmente carregada de símbolos, sendo um deles a própria Ópera. Para Woolf (2008, p. 216, tradução nossa), a “morfologia urbana [de Paris] não foi resultado, simplesmente, da aplicação prática de teorias da arquitetura; ela resultou de uma prática arquitetônica mediada por fatores extra-arquitetônicos – as demandas oriundas de interesses sociais e políticos”. Fazendo uso de conhecimentos históricos sobre a Paris do século XIX e de seu contexto de readequação urbana, Woolf (2008) consegue ler a paisagem da cidade por meio dos edifícios e monumentos que ela apresenta. O ambiente construído, inclusive, é apontado pela autora como importante fonte de informação sobre o passado e também como elementos carregados de grande valor simbólico.

Além da arquitetura, os monumentos também são citados como importantes símbolos que, presentes na paisagem urbana, auxiliam a leitura e a compreensão de relações sociais e políticas que ocorrem no espaço:

os monumentos são entendidos como formas simbólicas grandiosas; por exemplo, estátuas, obeliscos, colunas e templos. Representações materiais de eventos passados integram o meio ambiente construído, compondo, de modo marcante, a paisagem de determinados espaços públicos da cidade. (CORRÊA, 2005, p. 9).

Esses monumentos, não apenas estéticos, mas também dotados de sentido político, impregnam de símbolos a paisagem das cidades, seja em razão daquilo que eles representam, dos fatos relacionados à sua construção ou mesmo de sua localização. A localização, inclusive é destacada como sendo, por si só, um fator de extrema importância simbólica no processo de idealização e construção de monumentos. Para o autor, o lugar onde se ergue o monumento já carrega valores simbólicos, os quais são repassados ao próprio monumento - ou então são fortalecidos em razão do elemento construído (CORRÊA, 2005), impactando, assim, a paisagem na qual está inserido.

A importância da paisagem para a discussão geográfica está também presente no trabalho “*Doing Landscape Interpretation*”, de Duncan e Duncan (2009). Neste, os autores centram a discussão nas diferentes formas de interpretação

propostas por intelectuais de diversas áreas – principalmente da Geografia. Por meio da leitura do texto desses autores, é possível obter um panorama geral das abordagens distintas acerca da paisagem. Para que se possa ter uma ideia do panorama exposto por Duncan e Duncan (2009), alguns dos nomes citados pelos autores são: Tuan¹⁴, De Certeau,¹⁵ Meinig¹⁶, Daniels¹⁷, Lynch¹⁸ e Bondi¹⁹, os quais são abordados juntamente com suas respectivas contribuições para o estudo da paisagem. Além desses, dois geógrafos de produção impactante para Geografia cultural – e, inclusive, para a temática da paisagem - também são abordados: Carl Sauer²⁰ e Denis Cosgrove²¹. A importância deles está relacionada ao fato de que

¹⁴ Yi-Fu Tuan (1930 – até o presente): geógrafo sinoamericano considerado um dos grandes nomes da Geografia Humanista (PEREIRA; FERNANDES, 2011). De acordo com Duncan e Duncan (2009), Tuan, por meio de sua obra *“Landscapes of fear”*, de 1979, trata da paisagem como sendo o resultado estético da experiência das pessoas em determinado lugar.

¹⁵ Michel De Certeau (1925 – 1986): intelectual francês. Aponta as diferenças entre as leituras de paisagens e situações cotidianas, as quais variam de acordo com a posição do observador em relação ao objeto analisado (DUNCAN; DUNCAN, 2009; GIARD).

¹⁶ Donald W. Meinig (1924 – até o presente): geógrafo norte-americano atuante em diversos ramos da Geografia - como a histórica, a regional, a cultural e a social -, também trabalhou com questões de interpretação da paisagem (SNAC). Segundo Meinig, a recuperação de arquivos históricos – como pinturas, escritos literários e imagens – é imprescindível para a leitura de paisagens (DUNCAN; DUNCAN, 2009).

¹⁷ Stephen Daniels: geógrafo britânico e professor de Geografia Cultural na Universidade de Nottingham, no Reino Unido. Especialista em temas como a representação da paisagem e a história do conhecimento geográfico e da imaginação (BRITISH ACADEMY, 2017). No texto *“Doing Landscape Interpretation”* (2009), Duncan e Duncan citam Daniels e apontam uma de visões acerca do estudo da paisagem. Para o geógrafo britânico, a paisagem é tanto material quanto ideológica e é também composta de contradições, as quais, ao invés de serem resolvidas por aquele que a interpreta, devem ser respeitadas em sua condição de duplicidade (DUNCAN; DUNCAN, 2009).

¹⁸ Kevin Lynch (1918-1984): urbanista norteamericano conhecido por seus trabalhos relacionados à teoria e morfologia urbanas, bem como à percepção do ambiente da cidade e sua relação com ações de planejamento. Dentre suas obras, podem-se citar: *“The Image of the City”*, de 1960; *“What time is this place?”*, de 1972 e *“Growing up in cities”*, de 1977 (MIT LIBRARIES). O trabalho desse autor inclui o desenvolvimento de mapas mentais e a utilização destes para ações de planejamento urbano e entendimento da paisagem (DUNCAN; DUNCAN, 2009).

¹⁹ Liz Bondi (1955 – até o presente): geógrafa e professora na área de Geografia humana na Universidade de Edimburgo, Escócia. Sua pesquisa é voltada, dentre outras, às áreas de: Geografia emocional; geografias psicoanalíticas e identidades e gêneros (THE UNIVERSITY OF EDIMBURGH). Dentro da temática da paisagem, a pesquisadora trabalha a relação dos signos culturais existentes na cidade e seu impacto - consciente ou inconsciente - nas formas de relação entre os diferentes gêneros (DUNCAN; DUNCAN, 2009).

²⁰ Carl Sauer (1889-1975): geógrafo norteamericano de ascendência alemã e que foi fortemente influenciado pela cultura germânica. Seu entendimento da paisagem está atrelado à morfologia e ao determinismo cultural. Considerado um dos principais nomes da chamada Escola de Berkeley, sua obra clássica é *“The Morphology of Landscape”*, de 1925 (CORRÊA, 2014).

²¹ Denis Cosgrove (1948-2008): geógrafo britânico nascido em Liverpool, na Inglaterra, foi considerado um dos principais nomes da chamada “Nova Geografia Cultural”. Entendia a paisagem como estando inserida em um mundo de significados e não somente a partir da questão da morfologia, trazendo um contraponto às contribuições de Carl Sauer (CORRÊA, 2014; LOWENTHAL, 2008). Dentre suas diversas obras que contribuíram para o avanço da Geografia, podem-se citar as seguintes: *“Social formation and symbolic landscape”*, de 1984, *“Geography is Everywhere: Culture and Symbolism in Human Landscapes”*, de 1989, e *“The palladian landscape. Geographical change and its cultural representations in sixteenth century Italy”*, de 1993. Professor em universidades no

ambos representam pontos de inflexão dentro da ciência geográfica, trazendo avanços significativos a ela:

Sauer e Cosgrove situam-se entre aqueles que decisivamente fizeram a geografia caminhar. Viveram em contextos diferentes, mas em contextos de mudanças, como foram as décadas de 1920 e 1970, marcos dessas mudanças. Em comum ainda tiveram enorme paixão pela geografia. A curiosidade e o talento de ambos os fizeram participar ativamente do processo de mudanças que levou a geografia do determinismo ambiental para o determinismo cultural em Sauer e de uma geografia cultural pouco crítica para uma centrada nos significados e com certo tom crítico. (CORRÊA, 2014, p. 43).

Em relação ao entendimento do conceito de paisagem, Sauer e Cosgrove apresentaram visões bastante distintas, mas ambas impactantes no pensar geográfico. Enquanto Sauer, nos anos 1920, centrava seu discurso na perspectiva morfológica da paisagem, Cosgrove, décadas mais tarde, trouxe uma perspectiva diferenciada de leitura de paisagem, a qual fazia uso da intertextualidade - ou seja, da “conversa” com outras fontes de informação, como textos literários, fotografias e histórias populares – para permitir ao pesquisador a leitura de símbolos e a apreensão de significados nela impressos (DUNCAN; DUNCAN, 2009). O presente trabalho irá focar na perspectiva de Cosgrove para direcionar a leitura de paisagens e abordar a questão dos espaços públicos insurgentes. Em razão disso, na seção que se segue, maior atenção será dada à produção desse autor.

2.2.1.1 Denis Cosgrove e o entendimento de paisagem

Como já foi apontado, Denis Cosgrove, na segunda metade do século XX, trouxe uma nova perspectiva em relação ao estudo da paisagem, contribuindo para o avanço da ciência por meio do estabelecimento do diálogo entre o espaço geográfico, a cultura e o simbolismo (SHISHITO, 2017). Sua relevância para a Geografia é destacada em diversos trabalhos escritos sobre ele, como, por exemplo, no texto de autoria do historiador e geógrafo norte-americano David Lowenthal, publicado no jornal britânico “*The Independent*”, à época do falecimento de Cosgrove, em 2008:

Reino Unido e nos EUA e homenageado por meio de diversas honrarias, Denis Cosgrove faleceu em 2008, em Los Angeles, EUA, pouco antes de completar 60 anos (LOWENTHAL, 2008).

Denis Cosgrove foi amplamente visto como o preeminente geógrafo cultural e histórico de sua geração. De conhecimento vasto - lembrando os humanistas renascentistas que tanto admirava - contribuiu, por meio de seus brilhantes e inovadores estudos, para aprofundar o entendimento de como o mundo ocidental interpretava e transformava o que havia em seu redor. Seu talento e dedicação para o ensino e a orientação, bem como nada menos do que sua dúzia de livros e diversos ensaios, inspiraram colegas e estudantes das ciências humanas, naturais e sociais, muito além da disciplina geográfica. De fato, a interdisciplinaridade era para ele um artigo de fé (LOWENTHAL, 2008, tradução nossa).

Com raízes no conceito de paisagem na Renascença italiana, época na qual foi desenvolvida a técnica da perspectiva linear para registrar cenas em pinturas, Cosgrove trabalhou intensamente com a temática em questão, tornando-se um dos expoentes – assim como Alain Roger²² e Augustin Berque²³ –, da chamada “Nova Geografia Cultural”, que surgiu da renovação ocorrida na Geografia a partir dos anos 1970 (CLAVAL, 1999; SHISHITO, 2017). Cosgrove afirmava que as cenas renascentistas (ou “paisagens”) eram carregadas de valores simbólicos que comunicavam a “forma de olhar” (“*way of seeing*”) dos poderosos da época: a burguesia que controlava e ordenava os espaços de acordo com seus próprios interesses (COSGROVE, 1985). Sendo assim, para o geógrafo, era claro que a paisagem se constituía, desde sua origem, em uma ideologia visual, devendo, então, ser analisada por meio de um viés mais amplo do que simplesmente o morfológico, com ênfase na análise crítica e em questões de experiência e de criação de significados (COSGROVE, 1985; SHISHITO, 2017).

Em outras palavras, uma das preocupações de Cosgrove se relacionava:

ao fato de que a geografia deveria se ocupar em se desvincular do puro funcionalismo utilitário da explicação geográfica estritamente prática e buscar atribuir em seu escopo analítico outros significados contidos na paisagem. (SHISHITO, 2017, p. 21).

Dessa forma, para o geógrafo, a análise da paisagem representava uma ferramenta analítica de grande importância para o pesquisador, uma vez que ela

²² Alain Roger (1936 - até o presente): professor universitário, escritor e filósofo francês, Roger dedicou muitas de seus trabalhos à temática da paisagem. Dentre suas obras, pode-se citar “*Court traité du paysage*”, de 1997, que traz contribuições para o entendimento da história e dos debates acerca do conceito de paisagem (GALLIMARD ; LORET, 1998).

²³ Augustin Berque (1942 – até o presente): geógrafo francês nascido no Marrocos e que trabalha com a paisagem como marca e matriz cultural - como é possível constatar em seu trabalho “*Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle*”, de 1984. É reconhecido também por seus estudos relativos à cultura da Ásia Oriental (CLAVAL, 1999; CHOLLET, 2001).

permitiria um profundo entendimento do mundo e das sociedades (NAME, 2010). Para ressaltar mais uma vez a relevância dessa temática para Cosgrove, é possível fazer uso de suas próprias palavras, quando afirmou que o conceito de paisagem deveria ser entendido como:

unicamente valioso para uma geografia efetivamente humana. Ao contrário do conceito de *lugar*, lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ao contrário de *meio ambiente* ou *espaço*, lembra-nos que apenas através da consciência e razão humanas este esquema é conhecido por nós, e apenas através da técnica podemos participar dela como seres humanos. Ao mesmo tempo, paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda. (COSGROVE, 1998, p. 100, grifos do autor).

E é então, nessa paisagem, que são então encontradas as produções simbólicas decorrentes das atividades humanas. Estas englobam códigos de comunicação utilizados pela sociedade para produzir e reproduzir a vida material, podendo ser exemplificados pela linguagem, o gesto, o vestuário e as manifestações artísticas, por exemplo (COSGROVE, 2007).

Sendo impregnadas de simbolismo, as paisagens poderiam ser compreendidas de maneiras distintas, de acordo com diferentes olhares – que variam de pesquisador a pesquisador - e instrumentos de interpretação. Dessa forma, elas podem ser entendidas como textos, mapas ou espetáculos, ou, ainda, podem ser qualificadas como paisagens de cultura dominante ou alternativa (CORRÊA, 2014).

As ideias de paisagens da cultura dominante e de paisagens da cultura alternativa, propostas por Cosgrove (1998), são baseadas em noções apresentadas por Raymond Williams²⁴, que entende a cultura como sendo, simultaneamente, “reflexo, meio e condição” (CORRÊA, 2011, p. 8), e não uma entidade supraorgânica, que paira sobre a sociedade sem que haja interação com ela (DUNCAN, 2002; CORRÊA, 2011). Shishito (2017), ao trabalhar com esses conceitos de Cosgrove, aponta que, partindo-se do pressuposto que existem culturas dominantes e alternativas, é possível observar os impactos diferenciados de cada uma delas nas paisagens humanas e, assim, verificar as relações de

²⁴ Raymond Williams (1921-1988): intelectual britânico, nascido no País de Gales, atuante nas áreas acadêmicas e literárias, que se destacou pela sua contribuição ao desenvolvimento dos Estudos Culturais (TAVARES, 2008).

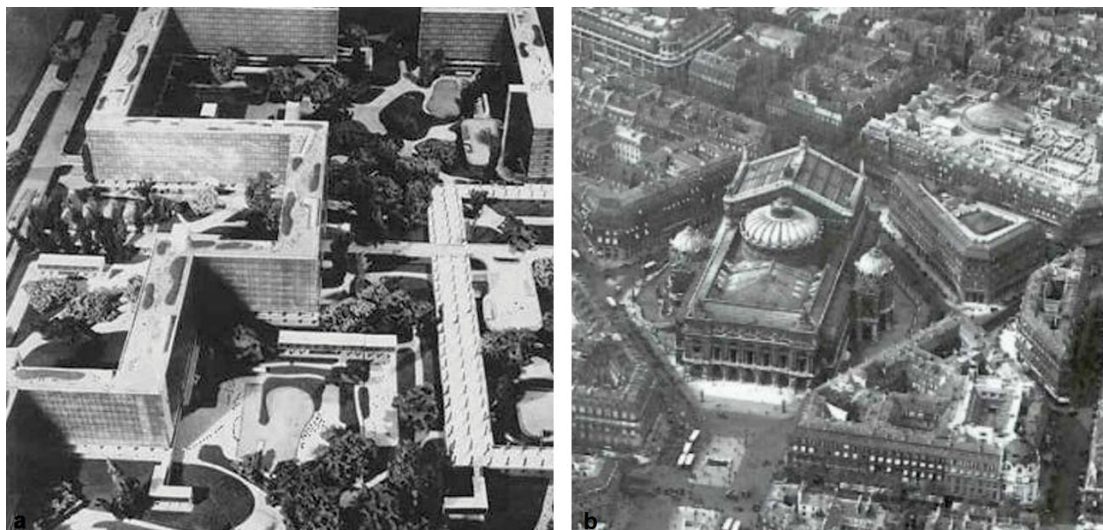
submissão e dominação entre elas. Para melhor entendimento da proposta de Cosgrove, a seguir, esses conceitos serão melhor explorados.

As paisagens da cultura dominante são aquelas que se configuram a partir de definições e ações realizadas por um grupo social que domina determinado espaço, detendo meios de controle de vida, como capital, terra ou matéria-prima e nele imprimindo marcas identitárias. Cosgrove traz, em seu trabalho, o exemplo da Cidade Radiante²⁵ (FIGURA 3-a) para ilustrar o conceito de paisagem dominante (COSGROVE, 1998).

Outro exemplo de paisagem dominante está relacionado ao caso de cenários urbanos alterados com o propósito de passarem uma imagem idealizada por um específico grupo social e político – como no episódio da construção da Ópera de Paris e da remodelação da capital francesa no século XIX (FIGURA 3-b), explorado por Woolf (2008). Nesse exemplo, a presença dos monumentos é central para a constituição de “representações materiais dos profundos processos econômicos, sociais e políticos” (CORRÊA, 2005, p. 12), bem como para a imposição de valores que não são representativos para toda uma população, mas, sim, apenas para certo grupo dominante (CORRÊA, 2005; WOOLF, 2008).

²⁵ A Cidade Radiante (ou *Ville Radieuse*, em francês) se constituiu em um projeto idealizado pelo arquiteto e urbanista Le Corbusier em 1924 e que serviu de modelo para a construção de diversas cidades modernas. “Projetado para conter meios eficientes de transporte, bem como uma abundância de espaços verdes e luz solar, a cidade do futuro de Le Corbusier não só almejava oferecer uma vida melhor aos residentes, mas contribuir para criar uma sociedade melhor. Embora radical, rigorosa e quase totalitária na sua ordem, simetria e padronização, os princípios propostos por Le Corbusier tiveram extensa influência sobre o planejamento urbano moderno, levando ao desenvolvimento de novas tipologias de habitação de alta densidade” (MERIN, 2016).

FIGURA 3 – EXEMPLOS DE PAISAGENS DOMINANTES: (a) “CIDADE RADIANTE”, DE LE CORBUSIER E (b) PARIS REMODELADA NO SÉCULO XIX



FONTE: FONDATION LE CORBUSIER ; LOYER (1995).

Por outro lado, as paisagens alternativas são conformadas por grupos sociais considerados não dominantes em determinado espaço, sendo necessário maior esforço para percebê-las em seus contextos. Cosgrove (1998, p. 116) salienta que: “por sua natureza, as culturas alternativas são menos visíveis na paisagem do que as dominantes, apesar de que, com uma mudança na escala de observação, pode parecer dominante uma cultura subordinada ou alternativa”. No entanto, por mais dominante localmente que seja uma cultura alternativa, ela continuará a ser subordinada à dominante oficial, ou seja, continuará a ser alternativa. E, dentro da categoria de paisagens alternativas, existem três classificações específicas propostas por Cosgrove (1998). São elas: residuais, emergentes e excluídas.

As paisagens alternativas residuais são aquelas em que se podem notar elementos que restaram de paisagens passadas, como estruturas de civilizações antigas que ainda persistem em meio a cenários modificados. Cosgrove (1998) as descreve como paisagens cujos muitos elementos têm pouco de seu significado original ou que este é difícil de se recuperar. Como exemplos dessas paisagens, o

geógrafo britânico cita o sítio de Stonehenge²⁶ (FIGURA 4-a). e as estruturas de concreto situadas nas proximidades do litoral britânico²⁷ (FIGURA 4-b).

FIGURA 4 – EXEMPLOS DE PAISAGENS ALTERNATIVAS RESIDUAIS: (a) STONEHENGE E (b) “ESPELHOS SONOROS”, AMBAS NA GRÃ-BRETANHA



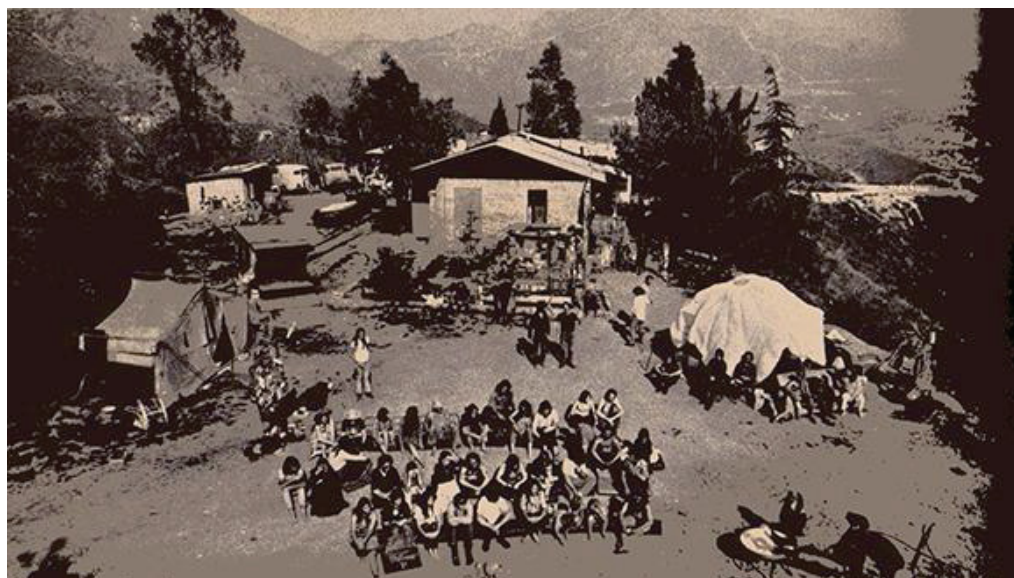
FONTE: a partir da esquerda: ENGLISH HERITAGE; AD EDITORIAL TEAM (2017).

As paisagens emergentes têm como característica central o fato de apresentarem símbolos de culturas que surgem e ganham destaque em determinado contexto - como a paisagem conformada pelas comunidades hippies, nos anos 1960 (FIGURA 5) –, podendo ser transitórias ou não. Cosgrove (1998, p. 119) destaca que as paisagens emergentes “têm sua própria geografia e seus próprios sistemas simbólicos. Está na natureza de uma cultura emergente oferecer um desafio à cultura dominante existente, uma visão de futuros alternativos possíveis”.

²⁶ Localizado na Grã-Bretanha, Stonehenge constitui um dos sítios pré-históricos mais famosos em todo o mundo, contendo monumentos datados de mais 5000 anos (ENGLISH HERITAGE).

²⁷ Essas estruturas de concreto são conhecidas como “Espelhos Sonoros” e foram desenvolvidas por William Sansome Tucker. Situadas ao longo do litoral britânico norte e leste, foram projetadas para captar as ondas sonoras de aeronaves inimigas da Grã-Bretanha no período da Segunda Guerra Mundial, funcionando, assim, como sistemas rudimentares de identificação e escuta anteriores aos radares (AD EDITORIAL TEAM, 2017).

FIGURA 5 – EXEMPLO DE PAISAGEM ALTERNATIVA EMERGENTE: COMUNIDADE HIPPIE DOS ANOS 1960



FONTE: WASSEN (1968).

Finalmente, Cosgrove (1998) descreve que as paisagens excluídas são aquelas que revelam traços de grupos à margem da sociedade, que buscam imprimir uma marca no espaço por meio de alterações nele realizadas – como os grafiteiros, ao se expressarem em muros, monumentos e outras estruturas do meio urbano ou então a paisagem conformada pelos espaços de uso de mulheres dentro de sociedades dominadas pelo gênero masculino.

Em relação especificamente ao exemplo do grafite, é possível citar o trabalho de Shishito (2017) que, ao abordá-lo como manifestação cultural praticada por grupos sociais excluídos, trata das paisagens conformadas por essa forma de expressão como alternativas, que se contrapõem aos cenários dominantes na cidade de São Paulo (FIGURA 6). O autor ressalta que: “como cultura, o grafite representa um conjunto de normas, ações, valores e ideologias” (SHISHITO, 2017, p. 22), as quais são utilizadas – nem sempre de forma legal - para a apropriação do espaço, e destaca também que “o grafite, em contrapartida à paisagem tida como dominante, apresenta-se como expressão ativa na contraposição desse arquétipo, pois introduz novas sensações à paisagem urbana” (SHISHITO, 2017, p. 17).

FIGURA 6 – EXEMPLO DE PAISAGEM ALTERNATIVA EXCLUÍDA: O GRAFITE EM MEIO URBANO



FONTE:GRUPO OPNI.

Como foi possível notar, a leitura de paisagens – e, particularmente, a leitura realizada por meio dos conceitos de Cosgrove – pode auxiliar e contribuir para o entendimento de contextos e acontecimentos que ocorrem no espaço geográfico. Os espaços públicos - sendo elementos que marcam a paisagem das cidades – se constituem também como parte essencial na leitura de paisagens nesses meios. A riqueza então de se trabalhar com ambas as questões – paisagem e espaço público – centra-se na possibilidade que se tem de fazê-los se relacionar entre si e deles apreender questões que auxiliem a compreensão das dinâmicas urbanas.

É com base então no que foi explanado neste capítulo que a presente pesquisa foi construída teoricamente. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho, no entanto, será explicada na sequência.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA GUIAR A LEITURA DE PAISAGENS

Nessa seção, serão apresentados os aspectos metodológicos utilizados e para realizar a pesquisa. Para poder entender a relação entre paisagens dominantes e alternativas e um espaço público insurgente, foi necessário estabelecer um estudo de caso. A constituição desse estudo de caso baseou-se na escolha de um espaço público insurgente e no estabelecimento de um recorte espacial para a leitura de paisagens.

3.1 A ESCOLHA DO ESPAÇO PÚBLICO INSURGENTE

O espaço público insurgente escolhido para o estudo de caso foi o Parque Gomm, localizado no bairro Batel, na cidade de Curitiba/PR. Esse espaço é resultado de uma mobilização cidadã iniciada em 2013 para preservar uma área tombada pelo patrimônio cultural e criar um novo espaço de lazer na cidade. No ano de 2016, o local foi oficializado pela prefeitura municipal e transformado no primeiro parque comunitário da cidade.

A escolha do Parque Gomm ocorreu em razão de sua representatividade dentro do contexto de espaços públicos insurgentes na capital paranaense, uma vez que ele está relacionado a questões de relevância cultural, social e econômica da cidade e, particularmente, da região em que está localizado. Além disso, todo o processo de criação do parque foi amplamente acompanhado e divulgado por meio de diferentes meios de comunicação (FIGURA 7), favorecendo a disseminação das etapas do processo de insurgência entre a população.

FIGURA 7 - NOTÍCIAS RELACIONADAS À CRIAÇÃO DO PARQUE GOMM



FONTE: a partir do canto superior esquerdo, em sentido horário: adaptado de: CAMPOS (2013); BEM PARANÁ (2016); BRUGNOLO (2014); PIVA (2016); JORNAL DO ÔNIBUS DE CURITIBA (2016); SIMAS (2014).

Outro fator que influenciou a escolha do Parque Gomm como estudo de caso da pesquisa foi o fato de ele ter passado por um processo de oficialização, por parte do poder público municipal, três anos após sua insurgência. Essa oficialização provocou transformações na configuração e na paisagem do parque, o que traz ainda mais subsídios para a discussão de paisagens dominantes e alternativas.

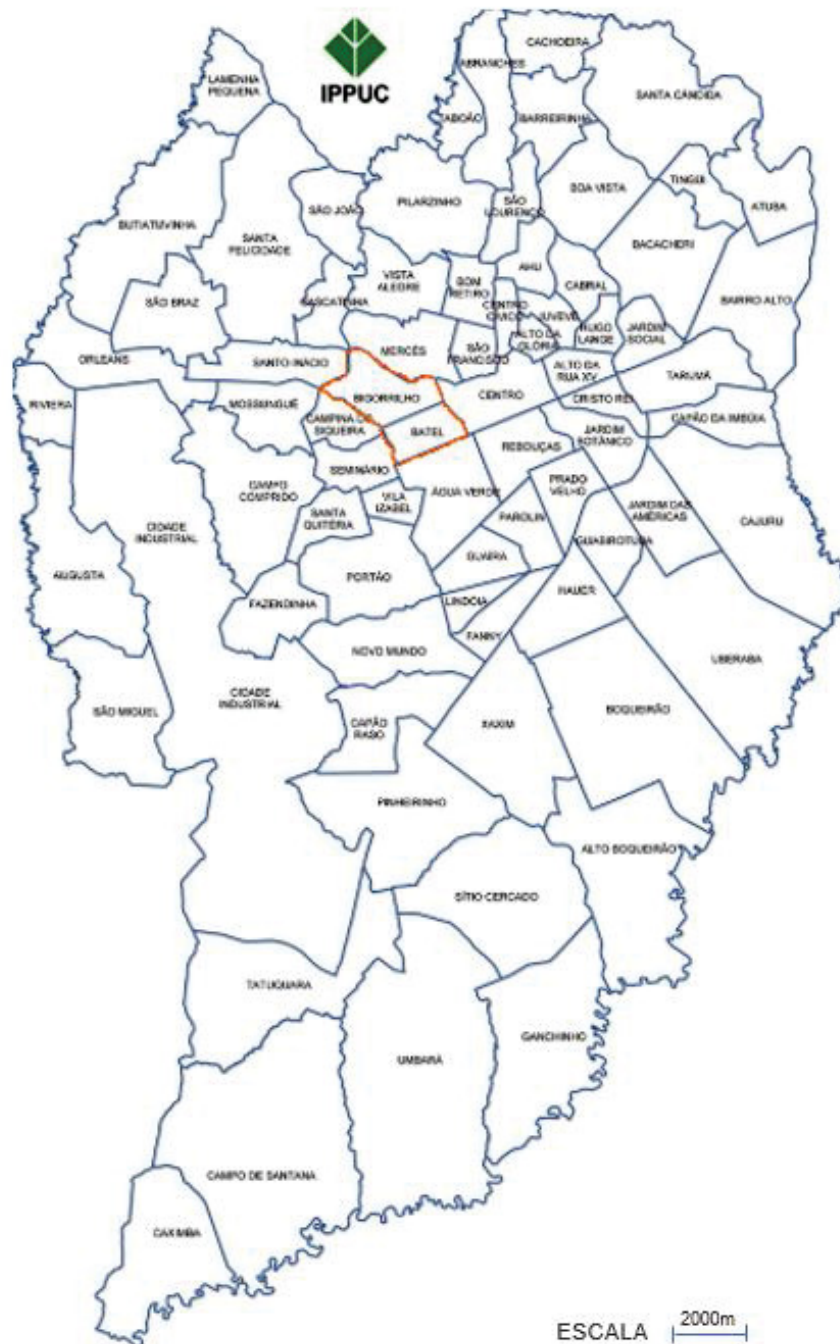
3.2 O ESTABELECIMENTO DO RECORTE ESPACIAL²⁸


²⁸ Vale aqui apontar que o estabelecimento do recorte espacial para a leitura de paisagens ocorreu após algumas reflexões. Inicialmente, foi pensada na possibilidade do estabelecimento do recorte com base em uma área de influência do parque, o que se mostrou complicado de se definir, em razão da dificuldade de se encontrar bases teóricas que dessem suporte adequado à definição de uma área de influência. Em seguida, cogitou-se o estabelecimento dos limites para entendimento da paisagem como sendo a área de abrangência do bairro Batel, uma vez que é nesse bairro que o Parque Gomm está localizado. No entanto, refletiu-se que a adoção de um recorte espacial estabelecido essencialmente por razões administrativas poderia restringir a leitura da paisagem e a identificação de padrões, marcas e outros sinais que revelassem a existência de culturas dominantes e alternativas.

O estabelecimento do recorte espacial ocorreu com base em critérios socioeconômicos que permitissem a identificação de paisagens dominantes e alternativas dentro de seus limites geográficos. Para tanto, utilizou-se a Unidade de Desenvolvimento Humano (UDH)²⁹ na qual se encontra o Parque Gomm: a UDH Batel/Bigorriho (FIGURAS 8 e 9) – que abrange a totalidade das áreas dos bairros Batel e Bigorriho (PNUD; FJP; IPEA, 2017b) – a qual apresenta uma homogeneidade de aspectos sociais, econômicos e culturais que possibilitam a conformação de paisagens dominantes características.

²⁹ De acordo com informações presentes no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, as UDHs constituem áreas mais homogêneas do ponto de vista dos aspectos socioeconômicos dos municípios brasileiros. Elas são estabelecidas de acordo com uma metodologia específica que envolve profissionais das instituições e dos programas organizadores do Atlas – o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD); a Fundação João Pinheiro (FJP) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) - e equipes locais dos municípios analisados, objetivando, assim, retratar as particularidades socioespaciais e econômicas dos municípios de forma mais assertiva (PNUD; FJP; IPEA, 2017a).

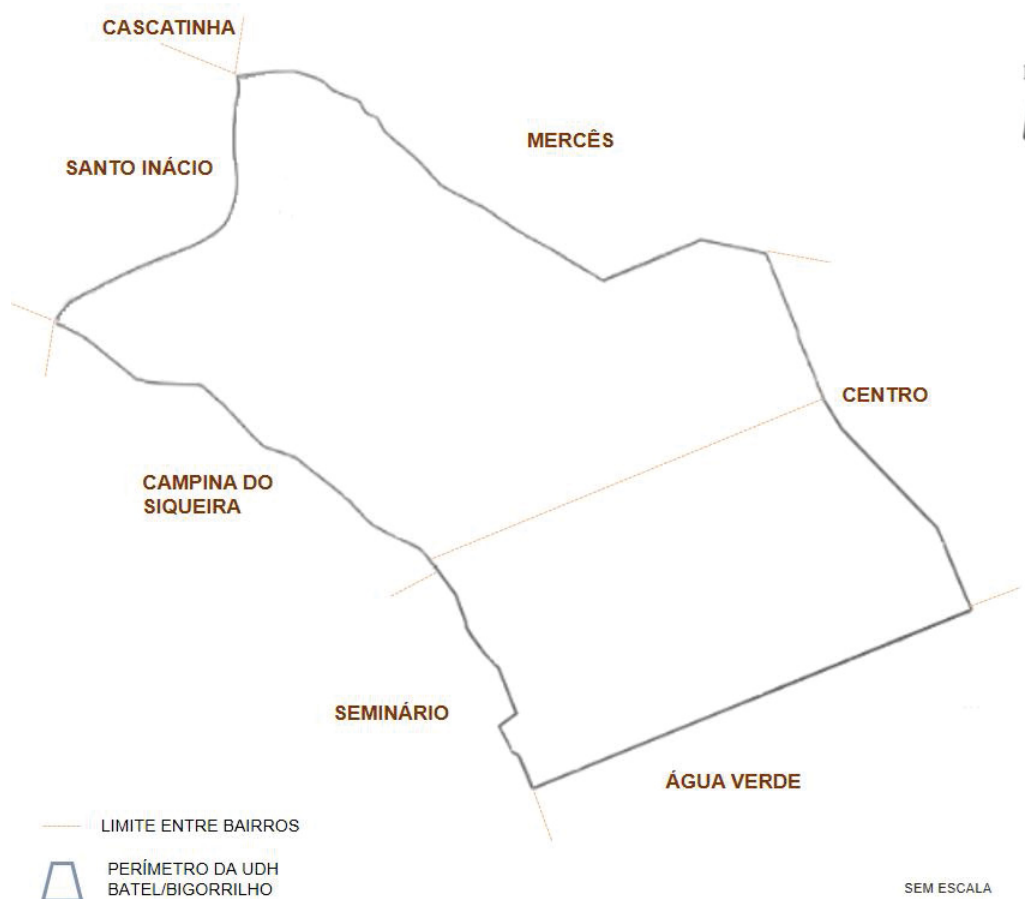
FIGURA 8– BAIRROS DE CURITIBA, COM DESTAQUE PARA A UDH BATEL/BIGORRILHO



 PERÍMETRO DA UDH BATEL/BIGORRILHO

FONTE: Adaptada de IPPUC (2001).

FIGURA 9 – ESQUEMA DA UDH BATEL/BIGORRILHO



FONTE: a autora (2018).

3.3 INSTRUMENTOS PARA A LEITURA DE PAISAGENS

A partir do estabelecimento do espaço público insurgente e do recorte espacial para estudo de paisagens, foram estabelecidos também os métodos para leitura dessas paisagens. Esses métodos, “rigorosos e exigentes, mas não fundamentalmente esotéricos ou difíceis de apreender” (COSGROVE, 1998, p. 109), foram aplicados no sentido de permitir uma leitura detalhada da paisagem em suas diferentes formas de expressão.

Sendo assim, inicialmente realizou-se uma busca em referenciais teóricos bibliográficos - como publicações, artigos e matérias publicadas em mídias de comunicação –, com o intuito de melhor conhecer aspectos econômicos, históricos,

culturais e sociais do local em que se deseja ler as paisagens, ou seja, da UDH Batel/Bigorriho e, particularmente, do Parque Gomm – tanto em sua fase insurgente quanto oficial. A importância da pesquisa bibliográfica - que permite o conhecimento do contexto relacionado ao local de estudo - é ressaltada por diversos autores que realizam a prática de leitura de paisagens. Penelope Woolf (2008), por exemplo, afirma que a análise de aspectos históricos, políticos, sociais e culturais envolvidos no projeto e na construção da Ópera de Paris foi essencial para possibilitar um maior entendimento da paisagem da cidade. Cosgrove (1998) também salienta a importância das fontes documentais para auxiliar a leitura de paisagens, apontando, inclusive, o valor não só de documentos e mapas, mas também de produtos culturais como aquelas obras de artes plásticas e textos literários.

Tendo como base as informações obtidas nas pesquisas de dados secundários, partiu-se então para o trabalho de campo, o qual permitiu a vivência na área do recorte espacial estabelecido. Novamente aqui, Cosgrove (1998) foi um dos teóricos que ressaltou a importância dos trabalhos de campo para os estudos geográficos da paisagem. Segundo ele, o somatório do conhecimento obtido a partir da consulta a fontes documentais e culturais e das percepções adquiridas nas visitas à área de estudo são cruciais para que se possam encontrar respostas aos problemas propostos. Além disso, o geógrafo britânico aponta que um dos principais segredos para que se tenha sucesso nas investigações de campo é, simplesmente, a vontade de olhar: “é importante compreender que o que é proposto aqui não pressupõe conhecimento profundo ou especializado, apenas vontade de olhar, de fazer a pergunta inesperada e estar aberto a desafios a suposições tomadas como certas” (COSGROVE, 1998, p. 109).

Outra autora que trabalha com a importância da vivência no campo para os estudos de paisagem é María Isabel Alba Dorado. Para ela, o processo de leitura e interpretação de paisagem engloba inúmeras visitas ao local de estudo, com o intuito de proporcionar um melhor reconhecimento e uma maior apreensão de suas características por parte do pesquisador (DORADO, 2017).

Tanto o parque quanto a UDH foram visitados nos trabalhos de campo e a paisagem do recorte espacial pôde ser reconhecida e apreendida por meio de

caminhadas e percursos de carro e ônibus³⁰. As diferentes formas de percurso utilizadas durante a pesquisa fizeram com que diferentes olhares fossem trabalhados em campo, o que, segundo Dorado (2017), é de particular importância durante o processo de leitura de paisagens. As Figuras 10 a 15 ilustram esquemas dos trechos percorridos na UDH Batel/Bigorriho, separadas por forma ou meio de transporte utilizado no percurso³¹.

FIGURA 10– TRECHOS PERCORRIDOS A PÉ NO BAIRRO BATEL

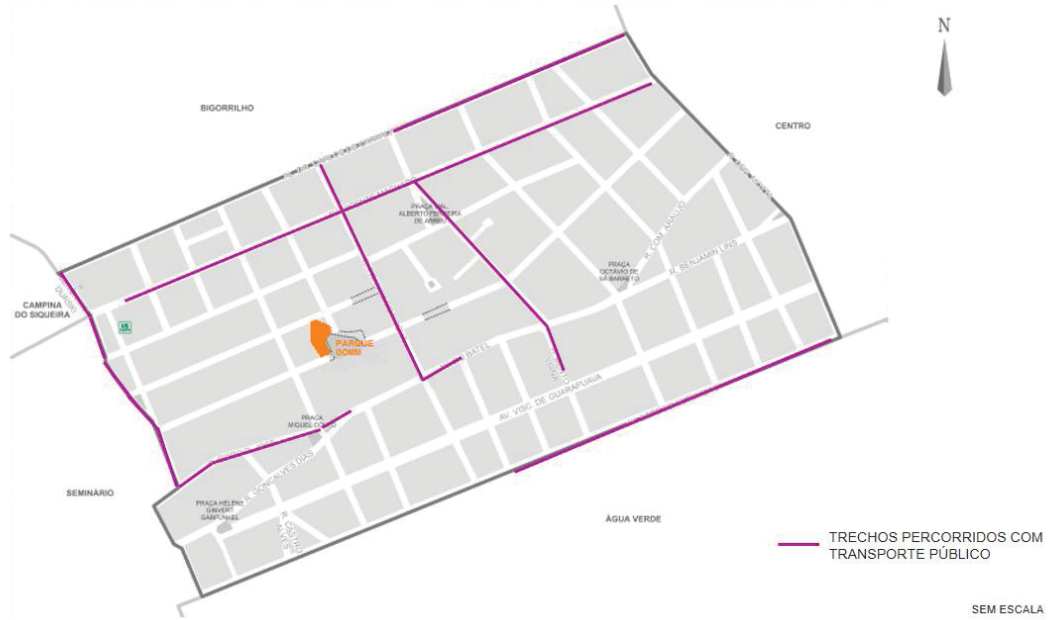


FONTE: Adaptada de WONS (2015a).

³⁰ As linhas de ônibus que foram utilizadas nos percursos foram as seguintes: 010-Interbairros I (horário); 011-Interbairros I (anti-horário); 203-Santa Cândida / Capão Raso; 303-Centenário / Campo Comprido; 380-Detrans / Vicente Machado; e 801-Campina do Siqueira / Batel.

³¹ Aqui, vale uma observação importante: para que fosse possível melhor visualizar as ruas – e os tipos de percurso que nelas ocorreram – foi necessário elaborar esquemas dos bairros Batel e Bigorriho separadamente.

FIGURA 11 – TRECHOS PERCORRIDOS COM TRANSPORTE PÚBLICO NO BAIRRO BATEL



FONTE: Adaptada de WONS (2015a).

FIGURA 12– TRECHOS PERCORRIDOS EM VEÍCULO PARTICULAR NO BAIRRO BATEL



FONTE: Adaptada de WONS (2015a).

FIGURA 13– TRECHOS PERCORRIDOS A PÉ NO BAIRRO BIGORRILHO



FONTE: Adaptada de WONS (2015b).

FIGURA 14– TRECHOS PERCORRIDOS COM TRANSPORTE PÚBLICO NO BAIRRO BIGORRILHO



FONTE: Adaptada de WONS (2015b).

FIGURA 15 – TRECHOS PERCORRIDOS EM VEÍCULO PARTICULAR NO BAIRRO BIGORILHO



FONTE: Adaptada de WONS (2015b).

Vale destacar também que alguns aspectos exigiram particular atenção durante essa fase do trabalho, em razão da sua importância-chave para a pesquisa:

a) O Parque Gomm e seu entorno conformam a área que foi visitada com mais frequência dentro da UDH Batel/Bgorrilho (como é possível conferir mais adiante, no Quadro 2). Essa área do entorno do Parque Gomm foi estabelecida com base no critério de acessibilidade a pé a espaços públicos urbanos desenvolvido no trabalho da organização independente norte-americana *New Yorkers for Parks (NY4P)*: o “*Open Space Index*” (NY4P, 2010). Nele, são tratados aspectos relacionados à importância e à relevância social e ambiental de espaços públicos urbanos, assim como são apresentadas diretrizes de universalização do acesso a esses espaços. Dentre as inúmeras informações apresentadas no documento, uma delas trata da relação entre a área do espaço público e a distância máxima recomendada para ser percorrida a pé por cidadãos que a eles querem ter acesso (QUADRO 1). Para os chamados parques de bairro – classificação na qual se insere o Parque Gomm - recomenda-se a distância máxima de $\frac{1}{4}$ de milha (ou seja, aproximadamente, 400m) para ser percorrida a pé (NY4P, 2010). Dessa forma,

definiu-se o entorno do parque como os trechos percorráveis a pé em uma distância máxima de 400m³², conforme mostra a Figura 16.

QUADRO 1 – DISTÂNCIA MÁXIMA A SER PERCORRIDA A PÉ PARA ACESSO A ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS, DE ACORDO COM O *OPEN SPACE INDEX*

TIPO DE ESPAÇO PÚBLICO	CARACTERÍSTICAS	DISTÂNCIA MÁXIMA A SER PERCORRIDA A PÉ
<i>Pocket Park</i>	- Área máxima de 01 (um) acre ³³ - Número limitado de mobiliários urbanos (um ou dois)	¼ de milha (ou, aproximadamente, 400m)
Parques de bairro	- Área entre 01 e 20 acres - Variadas opções de lazer	¼ de milha (ou, aproximadamente, 400m)
Grandes parques	- Área maior que 20 acres - Inúmeras opções de lazer - Papel-chave na preservação ambiental	½ milha (ou, aproximadamente, 800m)

FONTE: Adaptado de NY4P (2010).

FIGURA 16 – ESQUEMA DO ENTORNO DO PARQUE GOMM



FONTE: Adaptada de WONS (2015a).

³² Para que fosse possível medir os 400m em campo, utilizou-se a ferramenta do Google Maps.

³³ 1 (um) acre equivale a, aproximadamente, 4046m².

b) locais com valor simbólico destacados em pesquisas bibliográficas - como espaços tombados, monumentos e edificações relacionadas diretamente à cultura e à história da UDH - foram todos registrados e mais atenciosamente estudados;

c) espaços públicos³⁴ da UDH foram particularmente visitados e investigados, com o intuito de entender o panorama dos espaços públicos existentes na UDH e criar um pano de fundo para a discussão da insurgência e posterior oficialização do Parque Gomm.

No Quadro 2, é possível conferir os períodos do trabalho de campo, as áreas visitadas em cada um deles e a forma ou meio de transporte utilizado nos percursos³⁵.

QUADRO 2 – TRABALHO DE CAMPO: PERÍODOS, ÁREAS VISITADAS E MEIOS DE LOCOMOÇÃO UTILIZADOS

PERÍODO	ÁREA VISITADA	FORMA OU MEIO DE TRANSPORTE
Março/2016	- Parque Gomm e entorno	A pé
Abril/2016	- Parque Gomm e entorno	A pé
Agosto/2016	- Parque Gomm e entorno	A pé
Agosto/2017	- Parque Gomm e entorno - Outras áreas da UDH Batel/Bigorriho ³⁶	A pé / veículo particular
Setembro/2017	- Parque Gomm e entorno - Outras áreas da UDH Batel/Bigorriho	A pé / veículo particular
Outubro/2017	- Outras áreas da UDH Batel/Bigorriho	A pé / veículo particular
Novembro/2017	- Outras áreas da UDH Batel/Bigorriho	A pé / veículo particular
Dezembro/2017	- Parque Gomm e entorno - Outras áreas da UDH Batel/Bigorriho	A pé / veículo particular
Janeiro/2018	- Outras áreas da UDH Batel/Bigorriho	A pé / veículo particular / transporte coletivo
Fevereiro/2018	- Outras áreas da UDH Batel/Bigorriho	A pé / veículo particular / transporte coletivo
Março/2018	- Parque Gomm e entorno - Outras áreas da UDH Batel/Bigorriho	A pé / veículo particular

FONTE: a autora (2018).

Durante a pesquisa de campo, portanto, observaram-se marcas e símbolos que pudessem sinalizar a questão das culturas dominantes e alternativas. Essa busca por evidências é algo central a ser perseguido no processo de leitura de

³⁴ Aqui, são abrangidos os espaços públicos que não são ruas: como parques, praças, largos e jardinetes.

³⁵ No Quadro 2, os percursos realizados pelo Parque Gomm e seu entorno aparecem separadamente dos outros percursos pelo restante da UDH Batel/Bigorriho, em razão da importância de se destacar as vezes em que essa área em particular foi visitada ao longo das atividades de campo.

³⁶ A expressão “Outras áreas da UDH Batel/Bigorriho” se refere àquelas que não fazem parte do Parque Gomm e de seu entorno. Vale destacar também que foram visitadas áreas diferentes em cada um dos períodos descritos no Quadro 2.

paisagens, e elas podem ser definidas como: “qualquer fonte que possa nos informar os significados contidos na paisagem para os que a fizeram, a alteraram, a mantiveram, a visitaram e assim por diante” Cosgrove (1998, p.109). Os instrumentos utilizados para registro dessas evidências e para a prática de observação em campo foram: anotações em cadernetas e fotografias – estas sendo importantes por serem recursos visuais que estimulam a interpretação do espaço e a associação e a comparação de ideias (FERRARA, 1988; ZEISEL, 2006).

4 RESULTADOS DAS LEITURAS DE PAISAGENS

4.1 PONTO DE PARTIDA: O PARQUE GOMM

Nesta seção, serão apresentados aspectos históricos ao parque Gomm, para que seja possível melhor compreendê-lo dentro do contexto de espaços públicos insurgentes e também situá-lo no contexto da UDH a que pertence.

Primeiramente, faz-se necessário situar o Parque Gomm na área do recorte espacial estabelecido. Localizado entre as ruas Carmelo Rangel, Bruno Figueira e Hermes Fontes, o parque tem, em seu entorno, edificações e espaços que foram, inclusive, de grande importância para seu processo de insurgência, como: o shopping Pátio Batel, a Casa Gomm e a vegetação remanescente do Bosque Gomm (FIGURA 17).

FIGURA 17 – ESQUEMA DE LOCALIZAÇÃO DO PARQUE GOMM NA UDH BATEL/BIGORRILHO



FONTE: a autora (2018).

A Casa Gomm (FIGURA 18), construída em 1913 em meio a um vasto bosque na região da atual Avenida do Batel, leva esse nome em homenagem à família Gomm, a qual, sendo de origem aristocrática inglesa, ergueu-a aos moldes arquitetônicos do país europeu (LYRA, 2006):

Embora uma das mais reduzidas colônias de imigrantes de Curitiba, a comunidade inglesa não deixou de contribuir, com um exemplar característico, para a diversificada mostra de estilos europeus que marcou, a partir do século passado, a paisagem construída nessa região. É a mansão que a família Gomm construiu, no meio de um magnífico terreno intensamente arborizado, no bairro do Batel. Construída inteiramente em madeira, possui dois pavimentos e sótão. (...). Entre os aspectos significativos da casa está a forma orgânica pela qual se distribui uma volumetria arquitetônica dinâmica marcada por elementos de destaque como o torreão oitavado no canto esquerdo e o corpo avançado de três planos na fachada lateral, ambos dotados de *bow windows* - detalhe típico da casa inglesa tradicional. (LYRA, 2006, p. 114).

FIGURA 18 – REGISTRO DA CASA GOMM, NO INÍCIO DO SÉCULO XX, QUANDO ESTAVA SITUADA NA AVENIDA DO BATEL



FONTE: WITTIG (2015).

Em 1989, tanto a casa quanto a vegetação remanescente do bosque original foram tombadas pelo Patrimônio Cultural do Estado do Paraná. Um ano após o tombamento, a edificação foi adquirida pelo Grupo Soifer – que empreende na área de comércio e serviços -, o qual a retirou da Avenida do Batel e a realocou para

onde ela está situada atualmente, na rua Bruno Filgueira. Tendo feita a realcação, o Grupo doou o patrimônio para o governo do Estado do Paraná, que hoje ocupa a casa com a Coordenação do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura (LYRA, 2006; FERNANDES, 2012; WITTIG, 2015).

O processo de insurgência do parque Gomm iniciou-se em 2013, dentro de um contexto que envolvia a construção do shopping Pátio Batel e a possibilidade de derrubada de parte da vegetação do Bosque Gomm para a abertura de uma rua de acesso ao empreendimento (FANTINI; ROSANELI, 2016). Moradores de diferentes regiões da cidade se uniram então em um grupo denominado “Salvemos o Bosque da Casa Gomm”, para impedir a supressão da vegetação do bosque. Com o passar do tempo, a mobilização social foi ganhando cada vez mais adeptos, os quais se comunicavam por meio de redes sociais e se encontravam periodicamente para apropriar-se do espaço que, já no segundo semestre de 2013, deu origem ao parque Gomm (MARCHIORI, 2013; SENKOVSKI, 2013; SALVEMOS O BOSQUE DA CASA GOMM, 2017c). Não foi preciso muito tempo para que o terreno baldio que se situava aos fundos do shopping Pátio Batel se tornasse um espaço de encontro de pessoas envolvidas com a causa e fosse transformado pela população. Mobiliários urbanos, equipamentos de lazer, hortas comunitárias e pinturas nos muros do terreno e outras intervenções artísticas surgiram no local (FIGURA 19), e diferentes eventos sociais e culturais também compuseram o rol de práticas realizadas no parque³⁷ (FIGURA 20).

³⁷ O artigo “Considerações sobre o Parque Gomm: *Do-It-Yourself (DIY) Urbanism* e apropriação do espaço livre em Curitiba/PR”, de Fantini; Rosaneli (2016), descreve, com maiores detalhes, o processo de criação do Parque Gomm. Esse trabalho está disponível para acesso no seguinte caminho na Internet: <http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/08/CONSIDERA%C3%87%C3%95ES-SOBRE-O-PARQUE-GOMM-DO-IT-YOURSELF-DIY.pdf>.

FIGURA 19 – ELEMENTOS DO PARQUE GOMM INSURGENTE



FONTE: a autora (2016).

FIGURA 20 – EVENTOS NO PARQUE GOMM INSURGENTE



FONTE: a autora (2016).

A insurgência do Parque Gomm revelou a importância de espaços públicos construídos pela população para a cidade de Curitiba. O uso cada vez mais intenso do local e a repercussão na mídia do processo de construção coletiva que culminou

em um espaço-símbolo de resistência fizeram com que os integrantes do movimento “Salvemos o Bosque da Casa Gomm” buscassem meios de transformar o Parque Gomm em um espaço público oficial da cidade e, assim, garantir a efetiva preservação da área. Em razão disso, desde o começo das práticas de apropriação do terreno, integrantes do movimento passaram a contatar representantes do poder público municipal, com o intuito buscar a oficialização do espaço insurgente. Após diversas reuniões, em março de 2015, um estudo preliminar para a transformação do local em um novo parque da cidade foi estabelecido como resultado da parceria entre a comunidade e representantes do poder público (FIGURA 21)³⁸.

FIGURA 21– ESTUDO PRELIMINAR PARA A OFICIALIZAÇÃO DO PARQUE GOMM



FONTE: SALVEMOS O BOSQUE DA CASA GOMM (2017b).

Pouco mais de um ano decorreu entre a criação desse estudo preliminar e a oficialização do parque. Em julho de 2016, por meio de um decreto assinado pela prefeitura da cidade de Curitiba - o Decreto Municipal nº 644/2016 -, o parque Gomm

³⁸ As informações apresentadas aqui sobre o processo de oficialização do parque Gomm foram obtidas em conversas com representantes do Movimento “Salvemos o Bosque da Casa Gomm”, ao longo do primeiro semestre de 2016.

foi oficializado e transformado no primeiro parque comunitário da cidade, ou seja, no primeiro parque a ser gerido e mantido pelo poder público em parceria com a comunidade (PIVA, 2016). Além disso, com a oficialização, o parque se tornou mais uma área de preservação da cidade, o que faz com que ele esteja livre de futuras intervenções - como a abertura de ruas, por exemplo. A cerimônia de oficialização ocorreu no próprio parque Gomm e contou com a participação de autoridades municipais e de representantes da sociedade.

O projeto final do parque – que começou a ser implantado no final de 2016, com obras que isolaram o local por alguns meses - contemplou exigências tanto da comunidade quanto dos empreendedores do shopping - como uma passagem de emergência para veículos - e de representantes do poder público. As obras de implantação desse projeto aconteceram com recursos provenientes do shopping Pátio Batel, em razão de condicionantes presentes no Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) referente ao empreendimento construído (PMC, 2016) e focaram em aspectos de acessibilidade e sustentabilidade. Após a conclusão das obras, o novo parque Gomm foi aberto à população em 2017, com diferenças estruturais em relação ao parque insurgente (FIGURA 22).

FIGURA 22 – PARQUE GOMM: (a) INSURGENTE E (b) APÓS AS OBRAS DE OFICIALIZAÇÃO



FONTE: a partir da esquerda: a autora (2016); SALVEMOS O BOSQUE DA CASA GOMM (2017b).

A transformação do parque insurgente em um espaço público oficial da cidade ocorreu por meio da implantação do projeto que havia sido desenvolvido por meio da parceria entre a comunidade e representantes de órgãos públicos e que foi

financiado pelos empresários do shopping Pátio Batel. Vale destacar que, de acordo com os representantes do Movimento Salvemos o Bosque da Casa Gomm, algumas demandas feitas pela comunidade em relação ao projeto do parque ainda não foram atendidas, como a retirada da grade que isola o bosque, a transformação da Casa em um espaço mais integrado ao entorno e a descanalização do Rio Ivo – cuja nascente se localiza sob o terreno do parque (SALVEMOS O BOSQUE DA CASA GOMM, 2017a). Outro aspecto significativo relativo ao processo de oficialização do espaço público está relacionado à transformação da paisagem do local, o qual será mais bem explorado ao longo do presente capítulo.

4.2 CARACTERIZANDO A UDH BATEL/BIGORRILHO

A UDH em que se encontra o Parque Gomm é a UDH Batel/Bigorriho, a qual abrange os bairros Batel e Bigorriho e totaliza uma área aproximada de 4,6 km² - o que equivale a, aproximadamente, 1% da área total do município de Curitiba. Em 2010³⁹, a UDH apresentou um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)⁴⁰ considerado muito alto: de 0,948 - mais elevado que o índice relativo ao município como um todo, que foi de 0,823, no mesmo ano de análise. O bom desempenho da UDH nesse índice colocou-a na 8ª melhor posição do ranking das UDHs de Curitiba. A dimensão que mais contribuiu para o valor elevado desse índice é a de renda, que atingiu valor máximo (1,000) na pesquisa (PNUD; FJP; IPEA, 2017b). Para que se tenha uma ideia mais concreta do aspecto da renda dentro da UDH, pode-se conferir os valores de rendimentos médios por domicílio para cada um dos bairros que a compõem: em 2010, no Batel, esse valor era de R\$ 9.815,01, e, no Bigorriho, era de R\$ 8.312,55 – ambos significativamente maiores que o rendimento médio domiciliar do município, de R\$ 3.774,19 (WONS, 2015a; 2015b).

Outro aspecto de grande relevância a ser destacado a respeito da UDH Batel/Bigorriho é a questão histórica. Em razão de os dois bairros que a compõem serem bairros consideravelmente antigos da cidade, muitos vestígios de tempos passados são encontrados dentro dela. A UDH abrange uma área próxima à região

³⁹ Ano do último censo demográfico realizado no Brasil.

⁴⁰ O IDHM equivale ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), só que é aplicado a uma escala de municípios. Ambos são definidos como “uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano” (PNUD).

que deu origem ao povoado de Curitiba, apresentando assim uma história antiga e ligada aos ciclos econômicos que promoveram a prosperidade da capital paranaense, como o da erva-mate e do café (WONS, 2015a). Na região do bairro Batel, mais especificamente, a partir de meados do século XIX, personalidades influentes econômica e socialmente – como os barões do mate - ali instalaram suas residências, as quais se mesclavam a engenhes, fábricas e estabelecimentos comerciais. Isso foi proporcionado, em muito, pela presença da antiga Estrada do Mato Grosso (que corresponde, atualmente, à Avenida do Batel e seus prolongamentos), a qual fazia a ligação entre os Campos Gerais do Paraná e o centro de Curitiba. Por volta da década de 1950, o bairro já estava integrado à malha viária da região central da cidade, e, em 1975, ele foi oficializado (WONS, 2015a). Ainda hoje, a arquitetura das edificações do bairro é bastante variada, sendo possível encontrar no local exemplares tradicionais e históricos – incluindo edificações tombadas pelo patrimônio – e construções contemporâneas e de grande porte:

No século XXI, uma composição diversificada marca a paisagem do bairro, com implantações comerciais e de serviços de grande porte, grandes empreendimentos e condomínios de alto padrão. Em meio a essa nova fisionomia, o Batel ainda mostra exemplares construtivos que representam outros tempos. (IPPUC, 2017a).

O Bigorrilho – cujo nome deriva da palavra “bigurriho”, que se referia a um ribeirão existente na região -, por seu lado, tem como marca principal a presença de imigrantes europeus durante sua formação territorial, em particular de alemães, poloneses e ucranianos, que chegaram ao local no final do século XIX. A partir da década de 1920, loteamentos de grandes áreas auxiliaram a expansão da região. Habitações e comércios de pequeno porte coexistiram por muitos anos com chácaras de produção leiteira, até que, a partir da segunda metade do século XX, a região se transformou consideravelmente, sendo, hoje, um espaço intensamente urbanizado, no qual estão presentes – junto a construções que relembram o passado - vias de trânsito intenso e grandes condomínios residenciais e comerciais (WONS, 2015b).

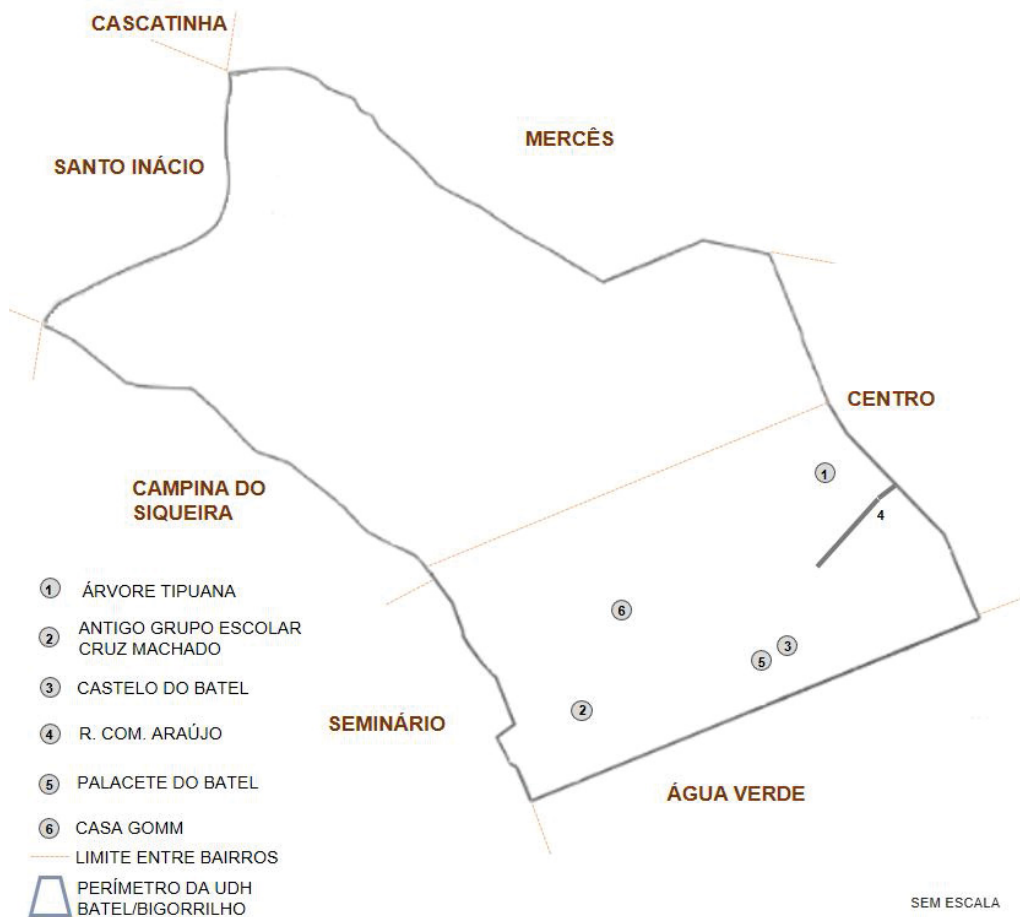
A importância histórica da UDH está presente também nos patrimônios tombados que se localizam na região - todos tombados a nível estadual - como é possível conferir no Quadro 3 e nas Figuras 23 e 24.

QUADRO 3 – RELAÇÃO DOS BENS TOMBADOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO

BEM TOMBADO	ENDEREÇO	PROPRIEDADE
Árvore Tipuana	Rua D. Pedro II esquina com Rua Presidente Taunay, Batel	Particular – Colégio Nossa Senhora de Sion
Antigo Grupo Escolar Cruz Machado	Avenida Bispo Dom José, 2006, Batel	Governo do Paraná
Castelo do Batel	Av. do Batel, 1323, Batel	Particular – Herdeiro de Moisés Lupion
Conjunto urbano da r. Comendador Araújo	Trecho da r. Comendador Araújo compreendido entre a ruas Desembargador Motta e Benjamim Lins, Batel	Diversos
Palacete do Batel	Av. do Batel, 1387, Batel	Particular – Thá Construções Cívicas
Residência e Bosque Gomm	Rua Bruno Filgueira, 850, Batel	Governo do Estado do Paraná

FONTE: SEEC

FIGURA 23 – ESQUEMA DE LOCALIZAÇÃO DOS BENS TOMBADOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO



FONTE: a autora (2018).

FIGURA 24 – BENS TOMBADOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (a) ANTIGO GRUPO ESCOLAR CRUZ MACHADO; (b) CASTELO DO BATEL; (c) R. COMENDADOR ARAÚJO; (d) PALACETE DO BATEL; (e) CASA GOMM



FONTE: a autora (2017).

Além dos bens tombados, existe um grande número de Unidades de Interesse de Preservação (UIPs)⁴¹ a nível municipal na UDH Batel/Bigorriho. Segundo levantamento do Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba (IPPUC), no total, são 53 as UIPs na UDH em questão, sendo que, a maior parte delas (50) está localizada no bairro Batel (QUADRO 4). Esse número de 53 deve ser considerado expressivo, uma vez que Curitiba apresenta, no total, 631 UIPs – ou seja, aproximadamente 8% de todas as UIPs da cidade estão localizadas na UDH Batel/Bigorriho (IPPUC, 2017b). Dentre as 53 UIPs:

- 52 delas são de dependência administrativa particular, as quais incluem estabelecimentos comerciais, como os restaurantes Calicetti di Bologna e Scavollo (FIGURA 25- a; b) e a confeitaria Neuchatel (FIGURA 25-c); sedes de instituições e estabelecimentos já não mais existentes na cidade, como a Antiga Associação Feminina de Proteção; a Antiga Churrascaria Cruzeiro; a Antiga Impressora

⁴¹ O processo de cadastramento de um imóvel como UIP promove o reconhecimento de aspectos arquitetônicos, históricos e culturais da edificação cadastrada como tal e pode se constituir, em alguns casos, em uma etapa pré-tombamento. No entanto, essa medida não garante, por si só, a preservação do imóvel (FERNANDES, 2013).

Paranaense e a Sociedade Beneficente dos Operários do Batel (FIGURA 25 – d; e; f; g); e residências particulares;

- 01 UIP de dependência administrativa pública municipal - a “Casa Amarela”, no Parque Barigui (FIGURA 26).

FIGURA 25 – UIPs DE DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA PARTICULAR NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (a) RESTAURANTE CALICETTI DI BOLOGNA; (b) RESTAURANTE SCAVOLLO; (c) CONFEITARIA NEUCHATEL; (d) ANTIGA ASSOCIAÇÃO FEMININA DE PROTEÇÃO; (e) ANTIGA CHURRASCARIA CRUZEIRO; (f) ANTIGA IMPRESSORA PARANAENSE; E (g) SOCIEDADE BENEFICENTE DOS OPERÁRIOS DO BATEL



FONTE: a autora (2018).

FIGURA 26– UIP DE DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA PÚBLICA MUNICIPAL NA UDH BATEL/BIGORRILHO: CASA AMARELA



FONTE: a autora (2018).

QUADRO 4 – RELAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO

(continua)

TIPO	DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	ENDEREÇO	BAIRRO	OBSERVAÇÃO
Arquitetura Eclética	Particular	Al. D. Pedro II, 24	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	Antiga Associação Feminina de Proteção - Av. Do Batel, 1095	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	Antiga Churrascaria Cruzeiro - Av. do Batel, 1546	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	Antiga Impressora Paranaense - R. Com. Araújo, 731	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	Av. do Batel, 1102	Batel	Imóvel restaurado
Arquitetura Eclética	Particular	Av. do Batel, 1190	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	Av. do Batel, 1454	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	Av. do Batel, 1473	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	Av. do Batel, 1514	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	Av. do Batel, 1763	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	Av. do Batel, 1920	Batel	Imóvel restaurado
Arquitetura Eclética	Particular	Av. do Batel, 1938	Batel	Imóvel restaurado
Arquitetura Eclética	Particular	Av. Visc. de Guarapuava, 5143	Batel	-

(continuação)

TIPO	DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	ENDEREÇO	BAIRRO	OBSERVAÇÃO
Arquitetura Eclética	Particular	Castelo do Batel - Av. do Batel, 1323	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	Confeitaria Neuchatel - R. Des. Motta, 2241	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	Design Center Batel - Av. do Batel, 1750	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	Flora Batel - Av. do Batel, 290	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	Igreja de Santa Terezinha - Av. Visc. de Guarapuava, 4793	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	Museu da Energia - Copel - R. Des. Motta, 2347	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	Palacete do Batel - Av. do Batel, 4680	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	R. Bispo D. José, 2186	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	R. Bispo D. José, 2302	Batel	Imóvel restaurado
Arquitetura Eclética	Particular	R. Bispo D. José, 2349	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	R. Bispo D. José, 2423	Batel	Imóvel restaurado
Arquitetura Eclética	Particular	R. Com. Araújo, 1030	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	R. Com. Araújo, 598	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	R. Com. Araújo, 609	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	R. Com. Araújo, 617	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	R. Com. Araújo, 692	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	R. Com. Araújo, 730	Batel	Hotel Ibis Batel.
Arquitetura Eclética	Particular	R. Com. Araújo, 748	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	R. Com. Araújo, 776	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	R. Com. Araújo, 802	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	R. Com. Araújo, 906	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	R. Com. Araújo, 938	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	R. Des. Motta, 1861	Batel	-

(continuação)

TIPO	DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	ENDEREÇO	BAIRRO	OBSERVAÇÃO
Arquitetura Eclética	Particular	R. Francisco Rocha, 239	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	R. Francisco Rocha, 272	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	Residência Elias Abdo Bittar - R. Benjamin Lins, 935	Batel	Lei 14794/2016
Arquitetura Eclética	Particular	Restaurante Caliceti Di Bologna - Al. Dr. Carlos De Carvalho, 1365	Batel	Imóvel restaurado.
Arquitetura Eclética	Particular	Restaurante Pamphylia - Av. Do Batel, 1733	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	Restaurante Scavollo - R. Des. Motta, 924	Batel	-
Arquitetura Eclética	Particular	Sociedade Beneficente Operários do Batel - R. Francisco Rocha, 198	Batel	-
Arquitetura Moderna - Habitação Unifamiliar	Particular	Residência Henrique Panek - R. Hermes Fontes, 560	Batel	Habitação familiar construída em 1959. Solicitante Henrique Panek.
Arquitetura Moderna - Habitação Unifamiliar	Particular	Residência Jaime Wassermann - R. Carmelo Rangel, 555		Solicitante Jaime Wassermann.
Arquitetura Moderna - Habitação Unifamiliar	Particular	Residência José Eduardo de Andrade Vieira - R. Carmelo Rangel, 400		Habitação unifamiliar construída em 1964. Solicitante Forte Neto e Gandolfi.
Arquitetura Moderna - Habitação Unifamiliar	Particular	Residência Leônidas Lopes Bório - Av. Vicente Machado, 1794	Batel	Habitação unifamiliar construída em 1961. Solicitante Rubens Meister.
Arquitetura Moderna - Habitação Unifamiliar	Particular	Residência Manoel Bley Maia - R. Carmelo Rangel, 525	Batel	Habitação unifamiliar construída em 1961. Solicitante Oswald Arthur Bratke.
Arquitetura Moderna - Habitação Unifamiliar	Particular	Residência Omar Camargo - R. Carmelo Rangel, 530	Batel	Habitação unifamiliar construída em 1963. Solicitante Gherard Leo Linzmeyer.

(conclusão)

TIPO	DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	ENDEREÇO	BAIRRO	OBSERVAÇÃO
Arquitetura Moderna - Habitação Unifamiliar	Particular	Residência Orlando Otto Kaesemodel -R. Carmelo Rangel, 520	Batel	Habitação unifamiliar construída em 1964. Solicitante Gherard Leo Linzmeyer.
Arquitetura Eclética	Particular	Av. Cândido Hartmann, 1929	Bigorriho	-
Arquitetura Eclética	Particular	Av. Cândido Hartmann, 2181	Bigorriho	-
Arquitetura Eclética	Pública Municipal	Casa dos Passarinhos - R. Dr. Aluizio França, 170	Bigorriho	Imóvel restaurado. Conhecido também como Casa Amarela.

FONTE: IPPUC; IPPUC, 2017b.

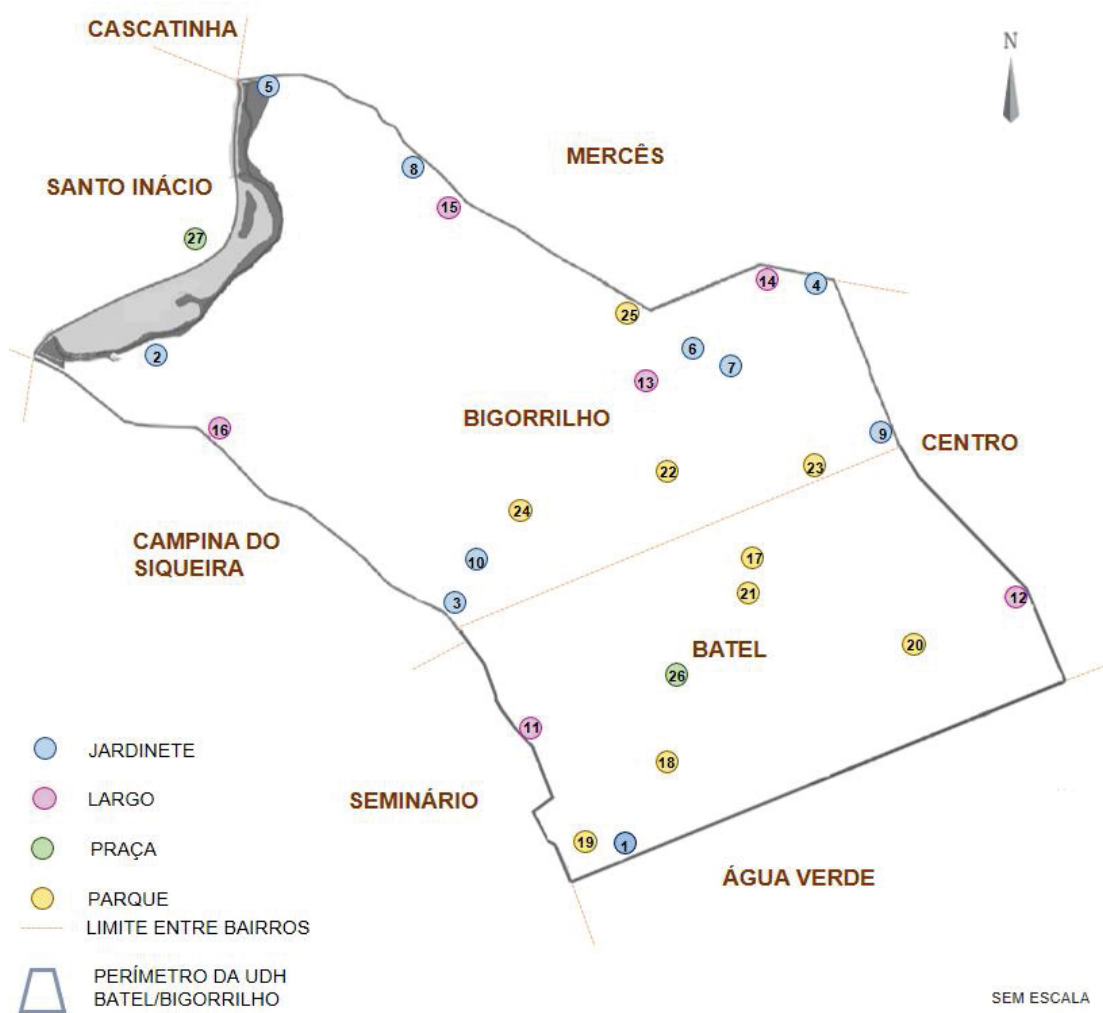
Outro aspecto importante na caracterização da UDH Batel/Bigorriho está relacionado à quantidade dos espaços públicos existentes. De acordo com dados do IPPUC e da SMMA, 25 espaços públicos⁴² existiam dentro do recorte espacial da UDH, até 2012 – o que equivalia a 2,4% dos espaços públicos do município, um número bastante considerável, levando-se em conta a pequena área que a UDH representa dentro da cidade de Curitiba (IPPUC; SMMA). Com a oficialização do parque Gomm, em 2016, esse número passou a ser de 26. Dentre o total de espaços públicos existentes na UDH, tem-se: 10 praças; 6 largos; 10 jardinetes e 1 parque - o parque Gomm⁴³.

A Figura 27 apresenta um esquema com a localização dos espaços públicos da UDH Batel/Bigorriho, com o intuito de permitir a visualização da densidade de espaços públicos na área de estudo. Já o Quadro 5 detalha todos esses espaços públicos, trazendo informações sobre o tipo – jardimete, largo, praça ou parque -, o endereço e a área de cada um deles.

⁴² Esses espaços públicos a que se referem os dados não englobam as ruas.

⁴³ Aqui, vale ressaltar que o Parque Barigui – um dos maiores e mais frequentados de Curitiba – está situado, oficialmente, em um dos bairros vizinhos à UDH, o bairro Santo Inácio. No entanto, uma pequena área do parque se localiza dentro dos limites do Bigorriho – e, conseqüentemente, da UDH Batel/Bigorriho. Em razão disso, informações sobre esse parque serão apresentadas no esquema da Figura 27 e no Quadro 5.

FIGURA 27– ESQUEMA COM LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO



FONTE: a autora (2018).

QUADRO 5 – RELAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA UDH BATEL/BIGORRILHO

JARDINETE		
Nº	LOGRADOURO	A (m ²)
1	Giovani Gervason - Av. Visconde de Guarapuava X R. Cândido Xavier X R. Estevão Bayão	85
2	República Oriental do Uruguay - R. Dr. Aluizio França X Rua Lucio Razera	500
3	Ruy Neves Ribas - R. Jerônimo Durski X R. Saldanha Marinho X R. Dona Alice Tibiriça	1.000
4	Nelson Batista Ribas - R. Prof. Fernando Moreira X R. Martin Afonso	159
5	Alexandre Gutierrez Beltrão - R. Aluizio França X Av. Cândido Hartmann	5.781
6	Ormar Carta - Av. Cândido Hartmann X Al. Julia da Costa X R. Alferes Angelo Sampaio	62
7	Paulo Henrique Andrade Santos - Av. Cândido Hartmann X Al. Princ. Izabel X R. Fernando Simas	360
8	Av. Cândido Hartmann X R. Pedro N. Pizzatto	500
9	R. José Nicolau Abage X R. Saldanha Marinho	45
10	Trav. Dr. Lourival Schwansce Torres X R. Mal. José Bernardino Bormann X R. José Domakoski	150
LARGO		
Nº	LOGRADOURO	A (m ²)
11	Helena Stadler de Souza - R. Carmelo Rangel X R. Josefina Rocha X R. Jerônimo Durski	1.100
12	Theodoro Bayma - R. Dez. Motta X R. Benjamin Lins X R. Dr. Pedrosa	360
13	David Silveira da Motta - R. Cap. Souza Franco X Al. Julia da Costa X Trav. Luiz Gama	678
14	Galícia - R. Prof. Fernando Moreira X Al. Pres. Taunay X R. Padre Anchieta	1.737
15	Pedro Deconto - Av. Cândido Hartmann X R. Lucio Razera	1.240
16	Terço - R. Jerônimo Durski X R. Otelo Queirolo	1.120
PRAÇA		
Nº	LOGRADOURO	A (m ²)
17	Alberto Ferreira de Abreu (Mal.) - R. Cap. Souza Franco X R. Gutemberg X R. Teixeira Coelho	2.600
18	Miguel Couto - Av. do Batel X R. Carneiro Lobo X R. Dez. Costa Carvalho	1.870
19	Helene Ginvert Garfunkel - Madame Garfunkel - R. Gonçalves Dias X R. Visc. Guarapuava	1.043
20	Octávio de Sá Barreto - Av. do Batel X R. Alferes Angelo Sampaio X R. Com. Araújo	685
21	R. Ildelfonso Borba Cordeiro x R. Gutemberg	97
22	Alfredo Andersen - R. Augusto Stellfeld X R. Cap. Souza Franco	3.400
23	Espanha - Al. Dr. Carlos de Carvalho X R. Saldanha Marinho X R. Fernando Simas	6.555
24	Hipérides Zanello (Prof.) - R. Euclides da Cunha X Al. Princesa Izabel X R. Gen. Aristides Athayde Jr	3.340
25	Ucrânia - Av. Cândido Hartmann X R. Padre Anchieta	3.347
PARQUE		
Nº	LOGRADOURO	A (m ²)
26	Parque Gomm – R. Carmelo Rangel X R. Hermes Fontes X R. Bruno Filgueira	- *
27	Parque Barigui - Entre a Av. Manoel Ribas e a BR-277, acessos: BR-277 e Av. Cândido Hartmann	1.400.000

FONTE: SMMA.

Tratando da questão de acessibilidade, pode-se afirmar que a UDH Batel/Bigorriho é privilegiada. Em ambos os bairros que a compõem, a porcentagem de domicílios com entorno provido de calçadas chegava, no ano de 2010, a quase

100%: 99,84%, no Batel, e 98,50%, no Bigorriho (IPPUC, 2017a). O bairro Batel também se destacava em relação à presença de rampas para cadeirantes nas vias públicas no entorno de domicílios: 42,83%. Nesse mesmo quesito, o Bigorriho se mostrou um pouco mais desprivilegiado, apresentando uma taxa de somente 14,53% (IPPUC, 2017a). Ainda dentro do domínio do espaço público, vale destacar que, na UDH Batel/Bigorriho, estão presentes dois trechos do sistema trinário característico da cidade de Curitiba, composto por uma canaleta central exclusiva para circulação de ônibus e duas vias estruturais paralelas de sentido único, situadas a uma quadra de distância da via central, para circulação de veículos particulares (URBS): parte do eixo que abrange a Avenida Sete de Setembro (FIGURA 28-a). e parte do eixo que abrange a Rua Padre Anchieta (FIGURA 28-b).

FIGURA 28 – SISTEMA VIÁRIO TRINÁRIO NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (a) AV. SETE DE SETEMBRO E (b) RUA PADRE ANCHIETA



FONTE: a autora (2018).

4.3 A PAISAGEM LIDA

A leitura de paisagens foi realizada na área da UDH Batel/Bigorriho, com enfoque no Parque Gomm e seu entorno e em outros aspectos entendidos como centrais para o entendimento da relação entre os conceitos de paisagens dominantes e alternativas e espaços públicos insurgentes, conforme o exposto no item 3.1.3. Na presente seção, serão apresentados os resultados desse processo de leitura de paisagens, os quais serão abordados por meio de imagens e texto descritivos.

Os diversos percursos pela UDH Batel/Bigorriho ocorreram de diferentes formas: a pé, em veículo particular e por meio de transporte coletivo. Esses diferentes meios utilizados para percorrer a área de estudo foram utilizados com o intuito de estimular diferentes olhares sobre o local, assim como apontou Dorado (2017), bem como permitir que toda a área da UDH pudesse ser percorrida durante o tempo estipulado da pesquisa. Os percursos a pé permitiram um olhar mais atento, mais calmo, favorecendo a percepção de elementos e o registro fotográfico de aspectos de interesse para a pesquisa, bem como anotações contendo maior número de particularidades, revelando a importância da observação atenta já salientada por Ferrara (1988) e Zeisel (2006).

Os trechos percorridos com transporte público permitiram a contemplação da paisagem de uma maneira um pouco menos detalhada, mas também interessante. Nos momentos de parada nos pontos de embarque e desembarque e durante a espera dos ônibus, foi possível fixar a atenção no cenário do entorno e perceber detalhes arquitetônicos, paisagísticos e urbanísticos, além de terem permitido a contemplação do movimento das pessoas nos espaços públicos. Já nos períodos passados no interior do transporte coletivo, o olhar pelas janelas favoreceu uma visão mais panorâmica dos espaços que estavam sendo percorridos, e a percepção da paisagem foi enriquecida pelo escutar das falas dos demais passageiros dos ônibus.

Por fim, é preciso relatar as contribuições das leituras obtida ao longo dos percursos em veículo particular: durante os trechos percorridos na direção do automóvel, a percepção da paisagem foi bastante panorâmica. Em razão da necessidade de foco no trânsito, detalhes existentes no espaço não puderam ser tão bem percebidos quanto nos percursos a pé. No entanto, a possibilidade de escolher as rotas a serem percorridas se mostrou um ponto favorável dessa forma de percurso, diferenciando-a das rotas percorridas por transporte público, as quais eram pré-determinadas. Além disso, a visão panorâmica do cenário foi muito importante para construir as imagens-base da paisagem que estava sendo estudada, preparando-a para um estudo mais aprofundado e detalhado.

4.3.1 Identificação de elementos da cultura dominante e alternativa na UDH Batel/Bigorriho

As atividades de campo, juntamente com as informações recolhidas durante a etapa de referencial teórico, possibilitaram a leitura de paisagens e a identificação de símbolos da cultura dominante e alternativa na UDH Batel/Bigorriho.

Como já foi apontado na seção 4.1.2, o fator histórico é facilmente notado na UDH Batel/Bigorriho. As construções tombadas e aquelas classificadas como UIPs marcam a paisagem da região. Outra questão que chama a atenção é a da alta renda, a qual reflete de forma clara na conformação da paisagem da região. Edificações residenciais de alto padrão e estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços direcionados ao público de renda média a elevada – como os *shoppings centers* Novo Batel (FIGURA 29-a), Crystal (FIGURA 29-b) e Pátio Batel (FIGURA 29-c) - são encontrados nesse recorte espacial.

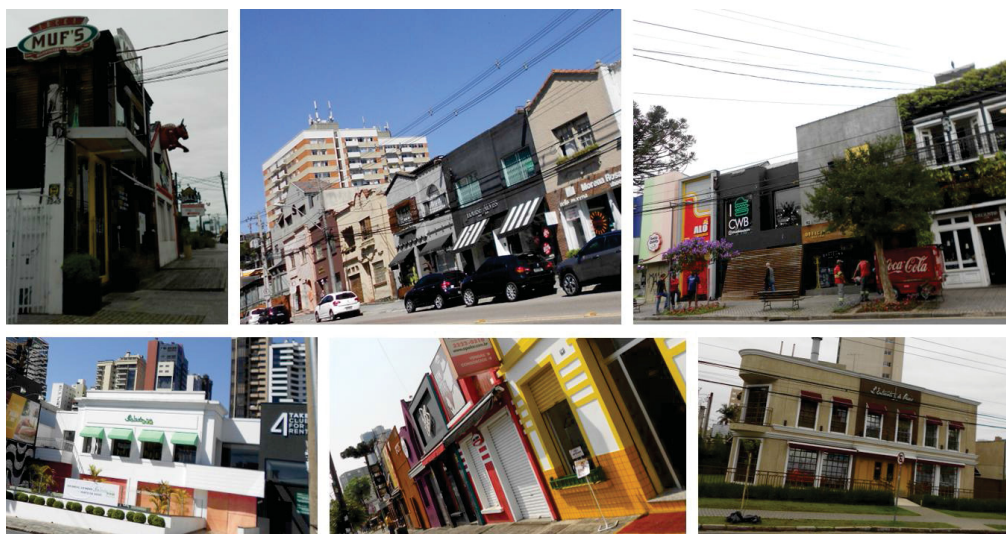
FIGURA 29 – SHOPPING CENTERS NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (a) SHOPPING NOVO BATEL; (b) SHOPPING CRYSTAL; E (c) SHOPPING PÁTIO BATEL



FONTE: a autora (2017).

Além desses estabelecimentos, na UDH Batel/Bigorriho, estão presentes diversos estabelecimentos de lazer e gastronomia voltados a esse mesmo público de renda média a elevada – como, por exemplo, as lojas de rua e os bares, cafés e restaurantes da Avenida Batel, da Avenida Vicente Machado e dos arredores da Praça Espanha (FIGURA 30).

FIGURA 30 – ESTABELECIMENTOS DE LAZER E GASTRONOMIA, NA UDH BATEL/BIGORRILHO



FONTE: a autora (2017).

Outro fato que se relaciona ao fator da alta renda na UDH é a existência de paisagens que se encaixam na proposta das “cidades de muros”, apresentada por Caldeira (2000). Em diferentes locais da UDH, são encontrados elementos de vigilância privada, altos muros cercados e protegidos por equipamentos como cercas elétricas e câmeras de vigilância, cancelas que controlam o acesso a ruas (FIGURA 31).

FIGURA 31 – ELEMENTOS DA “CIDADE DE MUROS”, NA UDH BATEL/BIGORRILHO



FONTE: a autora (2017).

Também presentes na paisagem da UDH Batel/Bigorriho estão as construções que remetem a aspectos históricos que marcaram a região. Esses elementos ajudam a compor as chamadas paisagens alternativas residuais (COSGROVE, 1998) dentro da UDH, uma vez que, mesmo ainda existentes na região, muito perderam do seu sentido original – e, muitas vezes, passam despercebidos em meio à paisagem que os cercam. Exemplos dessas paisagens alternativas residuais são inúmeros. Um desses exemplos pode ser encontrado na Rua Coronel Dulcídio, no Batel, e é constituído pelas ruínas de um engenho de mate, que existe no terreno de uma lanchonete do bairro. O engenho – chamado de Fábrica Santa Graça⁴⁴ – traz referência ao passado ervateiro da cidade, mas, no presente, ela é lembrada apenas por um resquício da antiga fachada, uma construção em arco que pode passar despercebida por quem circula na região (FIGURA 32).

FIGURA 32 - PAISAGEM ALTERNATIVA RESIDUAL NA UDH BATEL/BIGORRILHO: ANTIGA FACHADA DA FÁBRICA SANTA GRAÇA

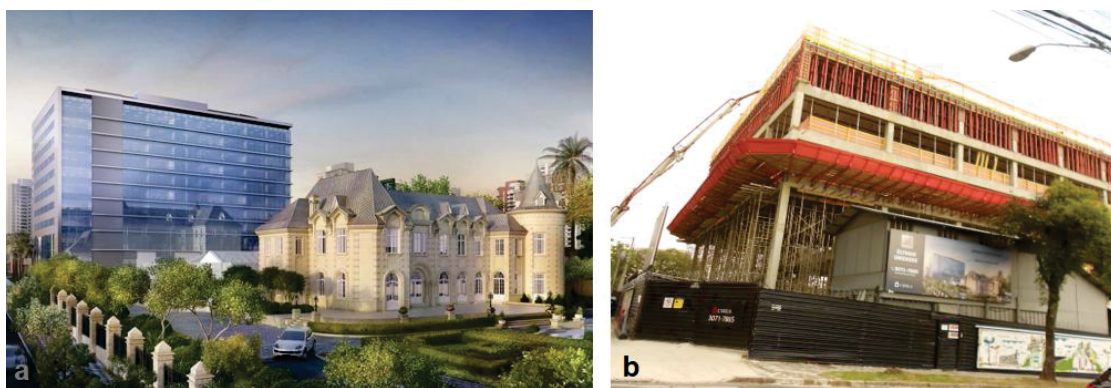


FONTE: a autora (2017).

⁴⁴ A fábrica Santa Graça surgiu no final do século XIX e era de propriedade do ervateiro Manoel de Macedo (DESTEFANI, 2013).

Um segundo exemplo envolve o Castelo do Batel, construído na década de 1920 com propósito residencial e aos moldes de construções europeias e que foi tombado em 1975. Com o passar dos anos, o local – que possui 1000m² de área construída e 3000m² de jardim – serviu de moradia a Moisés Lupion, ex-governador do Paraná, e também foi alugado à Rede Globo. Atualmente, é utilizado como espaço de eventos (LYRA, 2006). Mesmo sendo uma edificação imponente, o Castelo do Batel está situado em meio a outros elementos dominantes da cidade, como edificações modernas de grande porte, e vem sendo envolvido em discussões acerca de aspectos paisagísticos, uma vez que as edificações que estão sendo construídas em seu entorno transformam significativamente o cenário do local – o que facilita o entendimento da paisagem como residual (FIGURA 33).

FIGURA 33 – PAISAGEM ALTERNATIVA RESIDUAL NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (a) PAISAGEM PROJETADA DO CASTELO DO BATEL COM NOVA EDIFICAÇÃO AO FUNDO E (b) NOVA EDIFICAÇÃO EM CONSTRUÇÃO



FONTE: a partir da esquerda: CYRELA; a autora (2017).

Ainda dentro da ideia de paisagens residuais, tem-se o caso constituído pela Casa e pelo Bosque Gomm. A Casa, construída no início do século XX para servir de residência a aristocratas ingleses, já foi sede da Embap e, hoje, após a realocação que a retirou do seu endereço original, na Avenida Batel, abriga a Coordenação do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (TUPAN, 2013) e se situa aos fundos do shopping Pátio Batel, junto ao bosque remanescente – o qual tem acesso restrito e controlado. A paisagem que se observa a partir da rua Bruno Filgueira revela o fator residual da Casa e do Bosque Gomm, com ambos sendo ofuscados pela construção imponente do shopping Pátio Batel (FIGURA 34).

FIGURA 34 – PAISAGEM ALTERNATIVA RESIDUAL NA UDH BATEL/BIGORRILHO: CASA E BOSQUE GOMM VISTOS A PARTIR DA RUA BRUNO FILGUEIRA, COM O SHOPPING PÁTIO BATEL AOS FUNDOS



FONTE: a autora (2016).

Também realizando a leitura da paisagem por meio das construções existentes na UDH, é possível perceber aspectos relacionados à religiosidade marcantes na região. Dentro do recorte espacial, encontram-se igrejas que representam as diferentes formas de expressão da fé, sendo algumas delas: a Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus (FIGURA 35-a) e a Paróquia Nossa Senhora das Dores - também conhecida como Igreja dos Passarinhos - (FIGURA 35-b), ambas católicas; a Primeira Igreja Batista de Curitiba, voltada aos cultos evangélicos (FIGURA 35-c); e a Igreja Ortodoxa Ucraniana São Demétrio⁴⁵ (FIGURA 35-d), localizada no limite entre os bairros Bigorriho e Mercês e que congrega descendentes de ucranianos de ambos os bairros. Esta última, inclusive, relaciona-se às memórias dos imigrantes europeus presentes na formação do bairro Bigorriho, simbolizando assim, o fator histórico da região.

⁴⁵ Em frente à Igreja Ortodoxa Ucraniana São Demétrio, há uma placa informativa com os seguintes dizeres: “Igreja Ortodoxa Ucraniana: Edificação de 1960, quando a cúpula recebeu a cruz de sete braços. Segunda sede da paróquia ucraniana ortodoxa de São Demétrio, fundada em fevereiro de 1933. Congrega descendentes de ucranianos dos bairros Bigorriho e Mercês. Durante sua construção, as funções litúrgicas foram realizadas na casa paroquial, de 1956”.

FIGURA 35 – CONSTRUÇÕES QUE SIMBOLIZAM A RELIGIOSIDADE NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (a) PARÓQUIA SANTA TEREZINHA DO MENINO JESUS; (b) PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS DORES; (c) PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE CURITIBA; E (d) IGREJA ORTODOXA UCRANIANA SÃO DEMÉTRIO



FONTE: a autora (2017).

Outro aspecto que merece ser destacado é a percepção da qualidade dos inúmeros espaços públicos existentes na UDH. As ruas são, majoritariamente, bem pavimentadas e conservadas - tanto os passeios quanto as faixas de rolamento (FIGURA 36 – a;b). Na Avenida Batel, inclusive, é possível se deparar com um trecho de calçada em granito⁴⁶ – o que corrobora para acentuar o alto padrão econômico da região (FIGURA 36 - c).

⁴⁶ Em 2013, em meio a obras de revitalização do bairro Batel, um projeto da prefeitura previu a instalação de peças de granito nas calçadas da Avenida do Batel. Após uma série de polêmicas envolvendo essa proposta, um trecho de 1000m de granito foi instalado, mas, o restante da calçada da avenida foi completado com concreto (PMC, 2013).

FIGURA 36 – CALÇADAS NA UDH BATEL/BIGORRILHO: (a); (b) PASSEIOS BEM CONSERVADOS; E (c) CALÇADA DE GRANITO NA AVENIDA DO BATEL



FONTE: a autora (2017).

Os demais espaços públicos distribuídos na UDH também se encontram em bom estado de conservação. Em muitos deles, é possível se deparar com placas informativas (FIGURA 37), mobiliários urbanos (FIGURA 38), e equipamentos urbanos – como Faróis do Saber⁴⁷ Miguel de Cervantes e Emílio de Menezes (FIGURA 39 – a;b) e parques para recreação infantil (FIGURA 39 – c;d).

⁴⁷ Os Faróis do Saber são estruturas localizadas em praças ou escolas da rede municipal de ensino que integram a Rede Municipal de Bibliotecas Escolares da cidade de Curitiba/PR. Neles, são ofertadas atividades de incentivo à leitura e outras práticas culturais, recreativas e de ensino à população (PMC, 2015). Na UDH Batel/Bigorriho, estão localizados dois Faróis do Saber: o Farol do Saber Miguel de Cervantes, na Praça da Espanha e o Farol do Saber Emílio de Menezes, na Avenida Cândido Hartmann.

FIGURA 37 – PLACAS INFORMATIVAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS DA UDH BATEL/BIGORRILHO



FONTE: a autora (2017).

FIGURA 38 – MOBILIÁRIOS URBANOS EM ESPAÇOS PÚBLICOS DA UDH BATEL/BIGORRILHO



FONTE: a autora (2017).

FIGURA 39 – EQUIPAMENTOS URBANOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA UDH BATEL/BIGORRILHO: (a) FAROL DE SABER MIGUEL DE CERVANTES, NA PRAÇA DA ESPANHA; (b) FAROL DO SABER EMÍLIO DE MENEZES, NA AV. CÂNDIDO HARTMANN; (c) PARQUINHO PARA RECREAÇÃO INFANTIL, NA PRAÇA DA UCRÂNICA; E (d) PARQUINHO PARA RECREAÇÃO INFANTIL, NO LARGO PEDRO DECONTO



FONTE: a autora (2017).

Além disso, diferentes monumentos são encontrados em alguns desses espaços públicos, simbolizando personagens históricos – como Gabriel de Lara⁴⁸, no Largo Helena Stadler de Souza (FIGURA 40-a), e o Barão do Serro Azul⁴⁹, na Praça Miguel Couto, ambos no Batel (FIGURA 40-b) - ou então fazendo menção a etnias que fizeram parte da construção histórica da cidade – como no caso dos ucranianos,

⁴⁸ Junto ao monumento em homenagem a Gabriel de Lara, no Largo Helena Stadler de Souza, há uma placa informativa, com os seguintes dizeres: “Gabriel de Lara: como Capitão-Povoador, chegou a Paranaguá por volta de 1640, onde, seis anos depois, ergueu o pelourinho e comunicou, à Câmara de São Paulo, a descoberta de minas de ouro na região. Em 1647, requereu a instalação da Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá, das Justiças e da Câmara. Com a criação da Capitania de Paranaguá, em 1656, foi nomeado seu Capitão-Mor, Ouvidor e Alcaide-Mor, com jurisdição sobre o planalto. Exercendo autoridade em nome do Rei, autorizou o levantamento do pelourinho de Curitiba, em 1668”.

⁴⁹ Junto ao monumento em homenagem ao Barão de Serro Azul, na Praça Miguel Couto, há uma placa informativa, com os seguintes dizeres: “Idelfonso Pereira Correia- Barão do Serro Azul: fundador da Associação Comercial do Paraná. Reconhecido como herói nacional, em 16/12/2008, com o nome inscrito no livro dos heróis da pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia em Brasília, por defender os interesses da comunidade paranaense”.

lembrados por meio da estátua do poeta Tarás Chevtchenko⁵⁰, situada na Praça da Ucrânia, no Bigorriho (FIGURA 40-c).

FIGURA 40 – MONUMENTOS EM ESPAÇOS PÚBLICOS DA UDH BATEL/BIGORRILHO: (a) GABRIEL DE LARA, NO LARGO HELENA STADLER DE SOUZA; (b) BARÃO DO SERO AZUL, NA PRAÇA MIGUEL COUTO; E (c) TARÁS CHEVTCHENKO, NA PRAÇA DA UCRÂNIA



FONTE: a autora (2017).

4.3.2 O Parque Gomm e seu entorno

No entorno do parque Gomm, os elementos da cultura dominante são bastante visíveis. Excetuando-se a paisagem alternativa residual composta pela Casa e o Bosque Gomm – que, inclusive, tiveram ligação direta com a insurgência do parque – o que se percebe ao se percorrer a região do Parque Gomm é a existência majoritária de elementos característicos da cultura dominante. Eles revelam, essencialmente, o padrão elevado de renda das pessoas que habitam e/ou frequentam o entorno do parque e a efetividade de ações do poder público na região, sendo possível notá-los ao observar:

a) a qualidade dos espaços públicos existentes. Na Figura 41, visualizam-se trechos das calçadas no entorno no parque, as quais apresentam boas condições

⁵⁰ Junto ao monumento em homenagem ao poeta Tarás Chevtchenko, existem placas explicativas. Uma delas explica a homenagem ao intelectual ucraniano por meio dos seguintes dizeres: “Homenagem da comunidade ucraniana do Brasil ao seu poeta” e, outra, traz as datas de nascimento e falecimento de chevtchenko (1814-1861) e traz um trecho de um poema dele – tanto no idioma ucraniano quanto português: “Estudai, irmãos! Lede e meditai. O que é dos outros aprendei, sem desprezar o que é vosso”.

dos pavimentos e contam com elementos que promovem a acessibilidade, como as rampas de acesso a cadeirantes e trechos de pistas táteis para deficientes visuais. Já a Figura 42 traz registros da Praça Miguel Couto (conhecida popularmente como a “Pracinha do Batel”), espaço público que abriga um coreto, uma floricultura - a “Flora Pracinha do Batel” -, o monumento em homenagem ao Barão de Serro Azul, uma banca de revistas, um chafariz, bancos e postes de iluminação pública.

FIGURA 41 - CALÇADAS NO ENTORNO DO PARQUE GOMM



FONTE: a autora (2017).

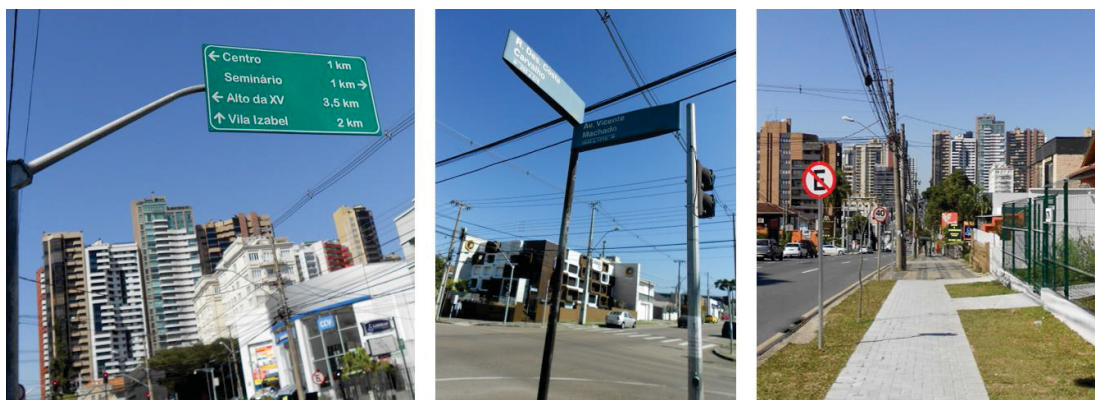
FIGURA 42 – PRAÇA MIGUEL COUTO, A “PRACINHA DO BATEL”



FONTE: a autora (2017).

b) a existência de sinalização viária em bom estado de conservação (FIGURA 43), de elementos de iluminação pública (FIGURA 44) e de mobiliários urbanos (FIGURA 45);

FIGURA 43 – SINALIZAÇÃO VIÁRIA NO ENTORNO DO PARQUE GOMM



FONTE: a autora (2017).

FIGURA 44 – ILUMINAÇÃO PÚBLICA NO ENTORNO DO PARQUE GOMM



FONTE: a autora (2017).

FIGURA 45 – MOBILIÁRIOS URBANOS NO ENTORNO DO PARQUE GOMM



FONTE: a autora (2017).

c) a arborização das vias públicas (FIGURA 46);

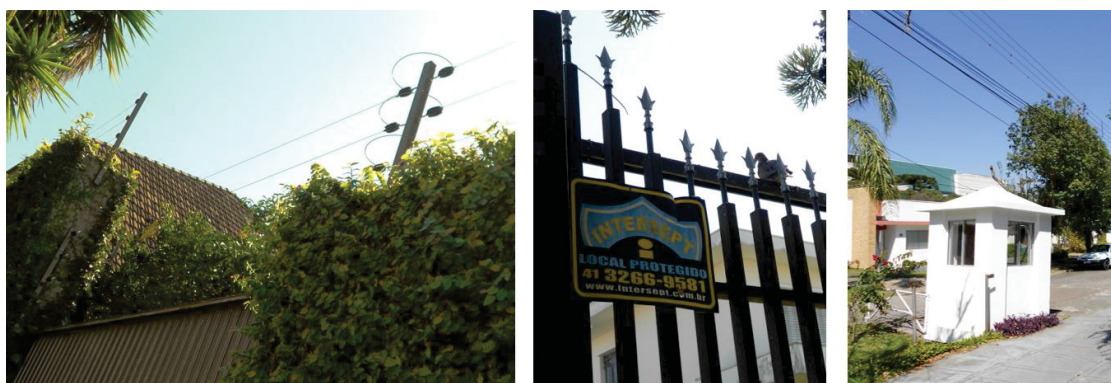
FIGURA 46 – ARBORIZAÇÃO DAS VIAS PÚBLICAS NO ENTORNO DO PARQUE GOMM



FONTE: a autora (2017).

d) a existência de elementos que caracterizam as “cidades de muros” de Caldeira (2000), como sistemas de vigilância particular, guaritas e cancelas (FIGURA 47);

FIGURA 47– ELEMENTOS DAS “CIDADES DE MUROS” NO ENTORNO DO PARQUE GOMM



FONTE: a autora (2017).

e) a existência de UIPs, como o restaurante Pamphylia (FIGURA 48-a) e o Design Center (FIGURA 48-b);

FIGURA 48 – UIPs NO ENTORNO DO PARQUE GOMM: (a) RESTAURANTE PAMPHYLIA E (b) DESIGN CENTER



FONTE: a autora (2018).

f) a existência de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços voltados ao público de média e alta renda, como lojas – tanto de rua (FIGURA 49-a); quanto as do shopping PátioBatel (FIGURA 49-b); -, centros médicos – como o hospital particular Santa Cruz (FIGURA 49-c); - e sedes de construtoras de alto padrão – como a A. Yoshii (FIGURA 49-d);e a CR Almeida (FIGURA 49-e).

FIGURA 49 – ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS E DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS VOLTADOS AO PÚBLICO DE MÉDIA E ALTA RENDA NO ENTORNO DO PARQUE GOMM: (a) LOJAS DE RUA; (b) LOJAS DO SHOPPING PÁTIO BATEL; (c) HOSPITAL SANTA CRUZ; (d) CONSTRUTORA A. YOSHII; E (e) CONSTRUTORA CR ALMEIDA



FONTE: a autora (2017).

g) estabelecimentos de lazer e gastronomia (FIGURA 50).

FIGURA 50 – ESTABELECIMENTOS DE LAZER E GASTRONOMIA NO ENTORNO DO PARQUE GOMM



FONTE: a autora (2018).

Tratando mais particularmente do Parque Gomm, é importante ressaltar que a paisagem cultural a ele relacionada difere nos dois momentos distintos de sua existência. O primeiro deles envolve o período que se estende da insurgência do

espaço público, em 2013, até o início das obras necessárias para a oficialização do parque, em meados de 2016. O segundo momento começa com a inauguração do parque como mais um espaço público oficial da cidade – em 2016 – e dura até os dias atuais.

Inicialmente, durante o período entre 2013 e 2016, o Parque Gomm, insurgente e fruto de ações coletivas da comunidade, destacava-se no cenário em que estava inserido, diferindo da paisagem dominante que o circundava. Um parque que não havia sido nem planejado nem construído por representantes de instituições oficiais do governo contrastava com os elementos todos planejados e ordenados a sua volta. As características das palavras “insurgência” e “insurgir” - ligadas às ideias de insurreição, revolta, rebeldia -, eram visíveis no local. Diversos elementos que representavam culturas alternativas eram encontrados no local:

a) as hortas comunitárias, os equipamentos de lazer e os mobiliários urbanos idealizados e construídos pelos organizadores do Movimento Salvemos o Bosque da Casa Gomm em conjunto com a comunidade (como mostra a Figura 19, na seção 4.1.1) refletiam as ideias de coletividade e resistência próprias dos espaços insurgentes; e

b) as intervenções artísticas e a realização de eventos independentes organizados por meio de redes sociais (como mostra a Figura 20, na seção 4.1.1) ajudavam a compor a paisagem do parque, a qual se constituía como alternativa, menos visível no contexto mais amplo em que se encontrava.

Essa paisagem alternativa podia ser interpretada e classificada – segundo os critérios de Cosgrove (1998) - como uma paisagem emergente, uma vez que ela oferecia “um desafio à cultura dominante existente, uma visão de futuros alternativos possíveis” (COSGROVE, 1998, p. 119). A prática de concepção e criação de espaços públicos por meio de iniciativas coletivas independentes de propostas oficiais vem se difundindo em cidades ao redor de todo o mundo, em especial no momento presente, em que tanto se discute a importância dos espaços públicos para a vida nas cidades (ONU BR, 2015; UN, 2016). Além de representarem o desejo dos cidadãos em participarem mais ativamente da construção do urbano e se apropriarem do conceito de cidadania, os espaços insurgentes, criados por meio de movimentos como de *DIY Urbanism* ou Urbanismo Tático, por exemplo, buscam apresentar soluções diferentes das habituais para o desenvolvimento sustentável das cidades e a valorização dos locais públicos urbanos (HOU, 2010;

CAMPONESCHI, 2010; PAGANO, 2013; LYDON, GARCIA, 2015). Esses fatos auxiliam no entendimento da paisagem do Parque Gomm como inicialmente alternativa emergente em sua essência, uma vez que representa o oposto da ideia de espaços públicos planejados e construídos pelo poder público ou por instituições privadas.

No momento posterior ao da oficialização do Parque Gomm pelas autoridades municipais, elementos da cultura dominante se tornaram claramente perceptíveis na paisagem. Mesmo tendo sido construído a partir de um projeto elaborado coletivamente com a comunidade, o parque entregue à população no final de 2016 apresenta, de forma geral, elementos que revelavam a cultura dominante. Com placas informativas, mobiliários urbanos planejados e que seguem os modelos instalados em outras regiões da cidade – como a Estação de Sustentabilidade e os paraciclos - revelando a reprodução de padrões e normas característica da ação das culturas dominantes, como aponta Cosgrove (1998) -, passeios pavimentados (incluindo um trecho a ser utilizado para acesso ao shopping Pátio Batel, em casos emergenciais) e um paisagismo cuidadosamente elaborado (inclusive com novos mobiliários urbanos), o Parque Gomm entregue à população pelos representantes do poder público se harmoniza ao entorno dominante em que o terreno está inserido (FIGURA 51). Todos esses elementos existentes no parque e que revelam a presença de instituições dominantes na cidade - como os órgãos públicos e grupos empresariais – na conformação do espaço, convivem, no entanto, com alguns vestígios da cultura alternativa. Ainda estão presentes no parque o banco de mosaicos construído pela comunidade, hortas comunitárias, a minibiblioteca e algumas intervenções artísticas que já existiam na época anterior à oficialização (FIGURA 52). Mesmo assim, ao ler essa paisagem do Parque Gomm oficial fica difícil entendê-la como alternativa – apesar de ter sua origem como tal. A transformação da paisagem ao longo do tempo e em razão dos processos pelo qual o espaço público passou – os quais possibilitaram que grupos dominantes tomassem parte efetiva na caracterização e nas formas de uso desse espaço - faz com que, hoje, ele se enquadre mais numa ideia de dominante do que alternativa, mesclando-se à paisagem de seu entorno.

FIGURA 51 – PARQUE GOMM OFICIALIZADO: ELEMENTOS DE UMA PAISAGEM DOMINANTE



FONTE: a autora (2017).

FIGURA 52 – ELEMENTOS DO PARQUE GOMM INSURGENTE AINDA EXISTEM NO PARQUE GOMM



FONTE: a autora (2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de paisagens na cidade traz perspectivas que possibilitam o melhor entendimento das dinâmicas e dos acontecimentos que ocorrem em meio urbano. No presente trabalho, a proposta de aplicação de uma forma específica de leitura de paisagens revelou-se determinante para melhor compreender a construção coletiva do ambiente urbano. Ao colocar em prática o que foi proposto pelo geógrafo britânico Denis Cosgrove, foi possível refletir acerca de questões como: a possibilidade de leitura de paisagens a partir de aspectos culturais, a importância do olhar do pesquisador e a relevância do contexto em que se inserem as paisagens lidas para uma compreensão mais ampla dos acontecimentos que ocorrem no espaço estudado.

O exercício de leitura de paisagens em uma área que abrange bairros tradicionais da cidade de Curitiba - a UDH Batel/Bigorriho - e que abriga também um dos primeiros espaços públicos insurgentes da capital paranaense – o Parque Gomm - favoreceu a identificação de elementos da cultura dominante e alternativa e possibilitou a percepção da coexistência e da transformação de paisagens. Pôde-se verificar a validade da hipótese colocada para o trabalho: a de que os espaços públicos insurgentes conformam paisagens alternativas. Adicionalmente, foi possível observar como o entendimento e a classificação das paisagens pode mudar de acordo com o contexto e o tempo em que elas são analisadas, o que proporcionou à pesquisa uma compreensão de questões que iam além da hipótese previamente estabelecida para o trabalho. O Parque Gomm insurgente - claramente enquadrado dentro de uma perspectiva alternativa - ao passar pelo processo de oficialização e transformação por meio da implantação do projeto oficial elaborado por meio da parceria entre a comunidade e o poder público, passou a se inserir em uma perspectiva de cultura dominante, contendo elementos que se configuram como padrão dentro da ideia de configuração e conformação de espaços públicos na cidade de Curitiba. Isso traz à tona um fator complementar às ideias de Cosgrove sobre paisagens dominantes e alternativas: a questão do momento histórico em que elas são analisadas, o que deixa ainda mais interessante o processo de leitura de paisagens.

Para que fosse possível alcançar os objetivos propostos no início da pesquisa, alguns desafios foram enfrentados. O estabelecimento do recorte espacial trouxe o desafio de permitir que os limites favorecessem a leitura de paisagens. Ao escolher como recorte espacial a UDH Batel/Bigorriho, levou-se em consideração o fato de que a homogeneidade de aspectos socioeconômicos auxiliaria a identificação de elementos da cultura dominante, o que, de fato ocorreu. Além disso, a ampla área da UDH exigiu diversas visitas a campo para que a paisagem fosse melhor apreendida, bem como uma pesquisa ampla de informações secundárias a respeito da área estudada. As diferentes formas de percurso utilizadas para percorrer o espaço e, assim, perceber a paisagem, conformaram-se em uma solução encontrada para trabalhar o desafio da ampla extensão a ser percorrida e acabaram por auxiliar o treinamento e o refinamento do olhar sobre o que estava sendo apreendido.

Finalmente, pode-se dizer que a utilização da técnica de leitura de paisagens proposta por Cosgrove – alinhada aos preceitos de que as paisagens não são estáticas ao longo do tempo – permitiu o desenvolvimento de uma pesquisa bastante relevante dentro da problemática envolvendo a relação entre paisagens dominantes e alternativas e espaços públicos insurgentes. O trabalho realizado aponta, inclusive, para outras possibilidades de pesquisa dentro da Geografia, como, por exemplo, estudos diversos de paisagens culturais que são transformadas de dominantes a alternativas – e vice-versa – ao longo do tempo, e a inserção da percepção de outras pessoas – além do pesquisador – acerca da paisagem estudada, gerando uma multiplicidade de olhares sobre uma mesma cena e trazendo contribuições muito ricas para o exercício de leitura de paisagens.

Em um mundo cada vez mais urbano, complexo e dinâmico, é preciso estar atento e sensível ao que nos cerca e permeia. Compreender as relações humanas e as transformações espaciais exige esforços, os quais, bem direcionados, proporcionam descobertas e recompensas ao pesquisador. A Geografia pode contribuir com esses esforços de diversas maneiras e por meio de diferentes técnicas. Escolhida para este trabalho, a leitura de paisagens mostrou-se mesmo recompensadora. Ela trouxe à luz um movimento emergente em cidades contemporâneas – a insurgência de espaços públicos -; fez saltar aos olhos marcas culturais que podem passar despercebidas a olhares não treinados; e, acima de tudo, permitiu perceber e vivenciar o que Cosgrove ressaltou em seus trabalhos no

final dos anos 1980: que a Geografia está mesmo em toda a parte. E que ela é essencial para o nosso entendimento de mundo.

REFERÊNCIAS

- AD EDITORIAL TEAM. These Enormous Concrete Acoustic Mirrors Pepper the British Coastline. **Archdaily**. 17 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/875917/these-enormous-concrete-acoustic-mirrors-pepper-the-british-coastline>>. Acesso em: 06 dez. 2017.
- BEM PARANÁ. Decreto oficializa criação do Parque Gomm, em Curitiba. **Bem Paraná**. 04 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/noticia/452064/decreto-oficializa-criacao-do-parque-gomm-em-curitiba>>. Acesso em: 30 out. 2017.
- BLANC-PAMARD, C.; RAISON, J-P. Paisagem. In: Enciclopédia Einaudi, v. 8, Região. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, p.138-159. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/260861492/BLANC-PAMARD-Chantal-RAISON-Jean-Pierre-Paisagem>>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- BOSSART, D. The rise of Tactical Urbanism. **What's next for Pittsburgh?** 11 ago. 2014. Disponível em: <<https://www.nextpittsburgh.com/features/rise-tactical-urbanism/>>. Acesso em: 06 nov. 2017.
- BRITISH ACADEMY. **Professor Stephen Daniels**. 2017. Disponível em: <<http://www.britac.ac.uk/user/2275>>. Acesso em: 07 ago. 2017.
- BRUGNOLO, B. Cidadãos vão à luta por espaços urbanos de Curitiba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 17 mai. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/cidadaos-va-a-luta-por-espacos-urbanos-de-curitiba-9eclplzyunltk6687jhqajxou>>. Acesso em: 05 abr. 2017.
- CALDEIRA, T. P. do R. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2000.
- CAMARGO, S. Mapas das hortas urbanas de São Paulo: cor e sabor na paisagem da cidade. **Planeta Sustentável**. 06 out. 2014. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cidade/mapas-hortas-urbanas-sao-paulo-cor-sabor-paisagem-cidade-804974.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2017.
- CAMPONESCHI, C. **The Enabling City**: Place-Based Creative Problem-Solving and the Power of the Everyday. Creative Commons, 2010. Disponível em: <<https://static1.squarespace.com/static/598224aa914e6b5dc0e95503/t/59c093aef5e23187dabb77/1505792960271/EC1-EN.pdf>>. Último acesso em: 30 out. 2017.
- CAMPOS, M. Piquenique contra o corte de árvores. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/entrelinhas/piquenique-contra-o-corte-de-arvores-ckpuhneybpl6f1bbkki0xl64u>>. Acesso em: 05 abr. 2017.
- CARMONA, M. Contemporary Public Space: Critique and Classification. In: Journal of urban Design, v. 15, n. 1, Fev., 2010.
- CARR, S. et al. **Public Space**. Cambridge University Press: 1993.
- CHOLLET, M. Augustin Berque, géographe orientaliste «L'existence humaine dans sa plénitude». **Périphéries**, 2001. Disponível em: <<http://www.peripheries.net/article185.html>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 59 – 97.

_____. **A geografia cultural**. Tradução de: PIMENTA, L. F.; PIMENTA, M. de C. A. 4 ed. Ev. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014.

CLAYTON, E. Gardening guerrillas turn roundabouts into vegetable patches. **Telegraph & Argus**. 29 dez. 2014. Disponível em: http://www.thetelegraphandargus.co.uk/lifestyle/leisure_gardening/11691452.Gardening_guerrillas_turn_roundabouts_into_vegetable_patches/. Acesso em: 06 nov. 2017.

CORRÊA, R. L. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58.

_____. Monumentos, política e espaço. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. EdUERJ: Rio de Janeiro, 2005. p. 9-42.

_____. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 167-186.

_____. Denis Cosgrove - A paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7-21, jan./jun. 2011.

_____. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado. **Espaço Aberto**, PPGG-UFRJ, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 37-46, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/download/2431/2077>. Acesso em: 11 jul. 2017.

COSGROVE, D. Prospect, perspective and the evolution of the landscape idea. **Transactions of the Institute of British Geographers**, Great Britain, n. 10, 1985, p. 45-62.

_____. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-122.

CYRELA. **DOC Castelo Batel**: no coração do eixo hospitalar de Curitiba. Disponível em: <https://www.cyrela.com.br/imovel/doc-castelo-batel-salas-comerciais-batel-curitiba-pr>. Acesso em: 23 jan. 2018.

DANIELS, S.; COSGROVE, D. Introduction: iconography and landscape. In: COSGROVE, D.; DANIELS, S. (Ed.). **The iconography of landscape**. 10 ed. United Kingdom: Cambridge University Press, 2008. p. 1-10.

DESTEFANI, C. O barão de mate do Batel. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 mai. 2013. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/o-barao-do-mate-do-batel-ejzr2a3o8v382c8nofye0e72m>. Acesso em: 28 fev. 2018.

DOMICIANO, T.; CALDINI, E. Na onda das minipraças paulistanas. **Arquitetura & Construção**. 18 mai. 2016. Disponível em: <https://arquiteturaeconstrucao.abril.com.br/cidade/na-onda-das-minipracas-paulistanas/#>. Acesso em: 18 nov. 2017.

DORADO, M. I. A. In: Mesa Redonda Patrimônio, paisagem e cidade: diálogos entre Brasil e Espanha, experiências em Belém do Pará, Brasil, e Andaluzia, Espanha. Curitiba, 30 nov. 2017. Palestra proferida na Universidade Federal do Paraná.

DUNCAN, J. O supraorgânico na geografia cultural americana. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 13, p. 7-33, jan/jun de 2002. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7423/5379>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

DUNCAN, N.; DUNCAN, J. Doing Landscape Interpretation. 2009. In: DELYSER et al (Ed.). **The SAGE Handbook of Qualitative Geography**. SAGE Publications, 2010, n.p. Disponível em: <http://kodu.ut.ee/~cect/teoreetilised%20seminarid_2010/maastiku_uurimise%20BChma_seminari/Duncan&Duncan.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2017.

EIKO, S. (Fotografia). **Parklet Suri**. Disponível em: <<https://www.zoom.arq.br/parklet-suri>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

ENGLISH HERITAGE. **History of Stonehenge**. Disponível em: <<http://www.english-heritage.org.uk/visit/places/stonehenge/history/>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

FANTINI, M. T.; ROSANELI, A. F. Considerações sobre o Parque Gomm: Do-It-Yourself (DIY) Urbanism e apropriação do espaço livre em Curitiba/PR. In: COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL, 11, 2016. Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: <<http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/08/CONSIDERA%20C3%87%20C3%95ES-SOBRE-O-PARQUE-GOMM-DO-IT-YOURELF-DIY.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

FERNANDES, J. C. Uma cidade sem passado e sem lei. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/uma-cidade-sem-passado-e-sem-lei-ex88ks1hxqtmxi5l0mvaqrqz2>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

_____. Velha história em novo endereço. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/velha-historia-em-novo-endereco-32s85kqpnnovtvku1g6qol72>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

FERRARA, L. D. **Ver a cidade**: cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONDATION LE CORBUSIER. **Ville Radiouse, Not Located, 1930**. Disponível em: <http://fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6437&sysLanguage=en-en&itemPos=215&itemSort=en-en_sort_string%20&itemCount=216&sysParentName=&sysParentId=65>. Acesso em: 23 nov. 2017.

GAETE, C. M. Intervenções artísticas que interagem com as ruas de Saint Etienne, França. **Archdaily**. 5 ago 2014a. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/625139/intervencoes-artisticas-que-interagem-com-as-ruas-de-saint-etienne-franca>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

_____. Urbanismo tático em San Diego: a transformação de um estacionamento em parque. **Archdaily**. 27 abr. 2014b. Disponível em:

<<http://www.archdaily.com.br/br/601293/urbanismo-tatico-em-san-diego-a-transformacao-de-um-estacionamento-em-parque>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

GALLIMARD. **Alain Roger**: Court traité du paysage. Disponível em: <<http://www.gallimard.fr/Catalogue/GALLIMARD/Bibliotheque-des-Sciences-humaines/Court-traite-du-paysage>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

GIARD, L. **Michel de Certeau**: biographie. Disponível em: <<http://micheldecerteau-giard.paris/fr/michel-de-certeau/biographie>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

GRUPO OPNI. **Projeto**: Galeria a céu aberto. Disponível em: <<http://site.grupoopni.com.br/?portfolio=galeria-a-ceu-aberto>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

HABITAT III. **The conference**. Disponível em: <<http://habitat3.org/the-conference>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

HOU, J. (Not) your everyday public space. In: HOU, J. (Ed.). **Insurgent public space**: guerrilla urbanism and the remaking of contemporary cities. Routledge, 2010. p. 1-17.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de: ROSA, C. S. M. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martim Fontes, 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). **Bairros de Curitiba**. Curitiba: IPPUC, 2001. Escala 1:150.000. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/mapas/bairros.htm>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

_____. **Equipamentos Urbanos de Curitiba**: Unidade de Interesse de Preservação.

Disponível em:

<http://www.ippuc.org.br/listaDetequipamentospdf.php?cd_tp_equipamento=27>. Acesso em 10 nov. 2017.

_____. **Diagnóstico Regional 2017**: Matriz. Curitiba: IPPUC, 2017a. Disponível em:

<<http://www.ippuc.org.br/mostrarpagina.php?pagina=496&idioma=1&liar=n%E3o>>.

Acesso em: 14 fev. 2018.

_____. **Município de Curitiba**: Unidade de Interesse de Preservação. Curitiba: IPPUC, 2017b. Escala 1:25.000

JORNAL DO ÔNIBUS DE CURITIBA. Projeto cria Parque Gomm e prevê gestão. **Jornal do Ônibus de Curitiba**. 07 jan. 2016. Disponível em:

<<http://www.jornaloonibusdecuritiba.com.br/noticia/41705/projeto-cria-parque-gomm-e-preve-gestao>>. Acesso em: 30 out. 2017.

KNIT THE BRIDGE. **Fotos**. 2013. Disponível em:

<https://www.facebook.com/pg/KnitTheBridge/photos/?ref=page_internal>. Acesso em: 19 nov. 2017.

_____. **Knitting Pittsburgh Communities Together, One Bridge at a Time**. Disponível em: <<https://knitthebridge.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

LORET, E. Alain Roger: «Tout paysage est un produit de l'art». **Libération**, 1998. Disponível em: <http://next.liberation.fr/livres/1998/07/02/alain-roger-tout-paysage-est-un-produit-de-l-art_242859>. Acesso em: 01 ago. 2017.

LOWENTHAL, D. Professor Denis Cosgrove: Cultural and historical geographer. **The Independent**, 7 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/obituaries/professor-denis-cosgrove-cultural-and-historical-geographer-805776.html>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

LOYER, F. (Dir.). **Autour de l'Opéra**: Naissance de la ville moderne. Paris: Délégation à l'Action Artistique de la Ville de Paris, 1995. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_spuppi_files/figura01.jpg. Acesso em: 23 nov. 2017.

LYDON, M.; GARCIA, A. **Tactical Urbanism**: Short-Term Action, Long-Term Change. Island Press, 2015.

LYRA, C. I. C. de O. **Espirais do tempo**: bens tombados do Paraná. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=287>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

MARCHIORI, R. Shopping no Batel prevê derrubada de área verde. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 jun. 2013b. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/shopping-no-batel-preve-derrubada-de-area-verde-bbgcqcqelpdwwercc7r8hdmbv>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY (MIT) LIBRARIES. **Institute Archives and Special Collections**: Preliminary Inventory to the Papers of Kevin Lynch MC.0208. Disponível em: <<http://libraries.mit.edu/archives/research/collections/collections-mc/mc208.html>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

MEAN, M.; TIMS, C. **People Make Places**: growing the public life of cities. Demos, 2005. Disponível em: <https://www.demos.co.uk/files/Demos_PMP_Final_02.pdf>. Último acesso em: 30 out. 2017.

MERIN, G. Clássicos da Arquitetura: Ville Radieuse/Le Corbusier. **Archdaily**, 9 mai. 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**. V. 6, n. 2, p. 163-186, 2010. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/download/4835/3584>>. Último acesso em: 22 out. 2017.

NEW YORKERS FOR PARKS. **The open space index**. 2010. Disponível em: <<http://www.ny4p.org/research/osi/LES.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

NOGUEIRA, D. Coletivos: insurgência urbana. **Gazeta do Povo**, 12 mai. 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/coletivos-insurgencia-urbana/>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

OLIVEIRA, R. P. D. de. O pensamento de John Ruskin. **Vitruvius**, 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/07.074/3087>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

OPEN STREETS PROJECT. **About Open Streets**. Disponível em: <<http://openstreetsproject.org/about-open-streets/>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL (ONU BR). **Agenda 2030**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

_____. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Cultura para espaços públicos**: base para uma nova agenda urbana. 2016. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/culture_in_public_spaces_key_for_shaping_a_new_urban_age/>. Acesso em: 11 jan. 2018.

PAGANO, C. DIY Urbanism: Property and Process in Grassroots City Building. In: **Marquette Law Review**, v. 97, i. 2, p. 335-389, 2013.

PIVA, N. Bosque Gomm vira primeiro parque comunitário de Curitiba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 06 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/futuro-das-cidades/bosque-gomm-vira-primeiro-parque-comunitario-de-curitiba-3w6x4bfupl70vuw9ummy0qjl3/>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

PEREIRA, C. J.; FERNANDES, D. Cultura e dimensões do viver em Yi-Fu Tuan: algumas aproximações geográficas. **RA' E GA**, n. 22, 2011, p. 53-73. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/261170883_Cultura_e_Dimensoes_do_Viver_em_Yi-Fu_Tuan_alguas_aproximacoes_geograficas>. Acesso em: 02 ago. 2017.

PIVA, N. Bosque Gomm vira primeiro parque comunitário de Curitiba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 06 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/futuro-das-cidades/bosque-gomm-vira-primeiro-parque-comunitario-de-curitiba-3w6x4bfupl70vuw9ummy0qjl3/>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA (PMC). Área do Batel ao lado do Bosque Gomm receberá um novo parque. **Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba**, 12 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/noticiaimpressao.aspx?codigo=38719>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

_____. Prefeitura define a finalização das obras da calçada do Batel. **Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba**, 17 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/prefeitura-define-a-finalizacao-das-obras-da-calçada-do-batel/28339>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

_____. Primeiro Farol do Saber de Curitiba é totalmente revitalizado pela Prefeitura. **Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba**, 05 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/primeiro-farol-do-saber-de-curitiba-e-totalmente-revitalizado-pela-prefeitura/37181>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **O que é o IDHM**. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-o-idhm.html>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD); FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP); INSTITUIÇÃO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil: O Atlas. Metodologia.** Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/metodologia/construcao-das-unidades-de-desenvolvimento-humano/>. 2017a. Acesso em: 03 nov. 2017.

_____. **Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil:** Batel/Bigorriho. Curitiba, PR. RM – Curitiba. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_udh/20434>. 2017b. Acesso em: 03 nov. 2017.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES (PPS). **Jane Jacobs.** 2010. Disponível em: <<https://www.pps.org/article/jjacobs-2>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

_____. **Placemaking and the Future of Cities.** 2012. Disponível em: <<https://www.pps.org/wp-content/uploads/2012/09/PPS-Placemaking-and-the-Future-of-Cities.pdf>>. Último acesso em: 13 nov. 2017.

SALVEMOS O BOSQUE DA CASA GOMM. **Agosto de 2017:** para onde vai o Parque Gomm. 2017a. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SalvemosOBosqueDaCasaGomm/>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

_____. **Fotos.** 2017b. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/SalvemosOBosqueDaCasaGomm/photos/?ref=page_internal>. Acesso em: 16 mai. 2017.

_____. **Sobre.** 2017c. Disponível em: <https://www.facebook.com/SalvemosOBosqueDaCasaGomm/info/?tab=page_info>. Último acesso em: 16 mai. 2017.

SAUER, C. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA (SEEC). **Pesquisa de Bens Tombados por Município:** Curitiba. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/municipio.php>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE (SMMA). **Batel.** Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/pracas-regional-matriz-batel/406>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

_____. **Bigorriho.** Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/pracas-regional-matriz-bigorriho/407>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

SENKOVSKI, A. Manifestação por preservação do Bosque Gomm reúne 60 pessoas. **Gazeta do Povo,** Curitiba, 21 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/manifestacao-por-preservacao-do-bosque-gomm-reune-60-pessoas-2568x4fbxol330mimpxjt5ce>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

SENNETT, R. **Juntos:** Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SHISHITO, A. A. A Nova Geografia Cultural de Cosgrove e o grafite como proposta de entendimento da paisagem. **Revista Geografia e Pesquisa.** Ourinhos, v. 11, n. 2, p. 16-24, 2017. Disponível em:

<<http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/290/200>>. Acesso em: 17 out. 2017.

SIMAS, A. Bolo e protesto no Bosque da Casa Gomm. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 29 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/bolo-e-protesto-no-bosque-da-casa-gomm-25679uioerr7nw591sl5iv2a67>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

SOCIAL NETWORKS AND ARCHIVAL CONTEXT (SNAC). **Meinig, D. W. (Donald William)**, 1924 -. Disponível em: <<http://socialarchive.iath.virginia.edu/ark:/99166/w66m6d3q>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

TAVARES, H. M. Raymond Williams: pensador da cultura. **Revista Ágora**, Vitória, n. 8, p. 1-27, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/agora/article/viewFile/1927/1439>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

THE UNIVERSITY OF EDIMBURGH. **Liz Bondi**. Disponível em: <<http://www.ed.ac.uk/profile/liz-bondi>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

TUPAN, F. Casa e Bosque Gomm são tombados. **Bem Paraná**, 10 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/tupan/casa-e-bosque-gomm-sao-tombados/>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

UNITED NATIONS (UN). **Barcelona Declaration for Habitat III: Public Spaces**. Barcelona, 2016. Disponível em: <<http://habitat3.org/wp-content/uploads/BARCELONA-DECLARATION.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

UNITED NATIONS (UN) HABITAT. **Urbanization and Development: emerging futures**. World Cities Report 2016. Disponível em: <<http://wcr.unhabitat.org/wp-content/uploads/2017/02/WCR-2016-Full-Report.pdf>>. Último acesso em: 24 out. 2017.

URBANIZAÇÃO DE CURITIBA (URBS). **Sistema Trinário de Vias**. Disponível em: <<https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/rede-integrada-de-transporte/19>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

WASSEN, J. (Fotógrafo). **The Hog Farm**. Disponível em: <<https://www.kcet.org/shows/artbound/the-past-in-the-present-the-sunland-hog-farm-commune>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

WITTIG, E. O. **Luísa Bueno Gomm**: a casa, o bosque, a praça. 2015. Disponível em: <<http://www.crmpr.org.br/publicacoes/cientificas/index.php/arquivos/article/view/710/694>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

WONS, L. (Coord.). **Nosso Bairro: Batel**. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Curitiba: IPPUC, 2015a. Disponível em: <<http://ippuc.org.br/nossobairro/anexos/10-Batel.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2017.

_____. **Nosso Bairro: Bigorriho**. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Curitiba: IPPUC, 2015b. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/11-Bigorriho.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

WOOLF, P. Symbol of the Second Empire: cultural politics and the Paris Opera House. In: COSGROVE, D.; DANIELS, S. (Ed.). **The iconography of landscape**. 10 ed. United Kingdom: Cambridge University Press, 2008. p. 214-235.

ZEISEL, J. **Inquiry by Design**: Environmental/Behavior/Neuroscience in Architecture, Interiors, Landscape and Planning. New York: W. W. Norton & Company, Inc., 2006.

ZOOM. **Parklet Suri**. Disponível em: <<https://www.zoom.arq.br/parklet-suri>>. Acesso em: 19 nov. 2017.